

**Grupos focais
com pessoas
evangélicas**

RACISMO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

**Relatório Analítico
de Pesquisa**

Novembro | 2024



**Observatório
Político e Eleitoral**



**frente de
evangélicos
pelo estado
de direito**

PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenadora

Nilza Valeria Zacarias

Pesquisador

Josué Medeiros

Revisor

Danilo Ferreira Gomes

Colaboradora

Fernanda Pinheiro da Fonseca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grupos focais com pessoas evangélicas : racismo e intolerância religiosa [livro eletrônico] : relatório analítico de pesquisa. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Associação Frente : Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, 2025.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-983115-1-3

1. Cristãos 2. Evangélicos 3. Liberdade religiosa - Brasil 4. Racismo - Aspectos sociais
5. Preconceitos - Aspectos sociais.

25-261615

CDD-306.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Intolerância religiosa : Sociologia da religião
306.6

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Sumário

Apresentação	Nilza Valeria Zacarias e Josué Medeiros	4
1. Vida e Cotidiano na Igreja	Caroline Otavio	7
2. Experiências e Percepções sobre Intolerância Religiosa	Vitor Medeiros	19
3. Visões e Vivências de Racismo	Fernanda Fonseca	39
4. Política e Religião	Rennan Pimentel	55
Considerações Finais		
Nilza Valeria Zacarias e Josué Medeiros		69
Ficha técnica		73
Anexo	Metodologia e perfil da amostra	75

Apresentação

É com muita satisfação que apresentamos o relatório de pesquisa com grupos focais em mais uma parceria entre a Frente de Evangélicos pelo Estado Democrático de Direito e o Observatório Político e Eleitoral (OPEL), vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A Frente, movimento de evangélicas e evangélicos pela democracia e o OPEL, laboratório de pesquisa em ciência política, já haviam somado suas experiências em 2023 para realizar uma pesquisa qualitativa com grupos focais com o objetivo de avaliar o programa de rádio Papo de Crente, produzido pela Frente. Naquela pesquisa, oferecemos às pessoas participantes dois episódios do programa – um sobre meio ambiente e outro sobre cotas raciais e reparação histórica – e, a partir disso, dialogamos com suas percepções e valores, não apenas sobre o programa, mas sobre democracia, direitos, vida e cotidiano religioso, política, economia, questão racial no Brasil atual, entre outras.

O sucesso da pesquisa nos animou a investir mais nessa parceria para investigar as percepções, valores e comportamentos políticos das pessoas evangélicas no Brasil. Trata-se de um segmento que, segundo estimativas, alcança 30% da população brasileira e que vem sofrendo com um conjunto de incompreensões e preconceitos no debate público, que envolve a mídia tradicional, mas também setores universitários e partidos políticos. Com frequência, as e os crentes são entendidos de modo uniforme como “fundamentalistas”, “reacionários”, “conservadores” e inúmeras vezes são acusados de portarem um projeto teocrático para o Brasil. No entanto, nossa hipótese de pesquisa e de experiência militante aponta para o sentido oposto: No Brasil, as evangélicas e evangélicos são uma população diversa, plural, com valores e percepções tão aderentes à democracia e à gramática dos direitos como qualquer outro setor da população brasileira. É inegável que existem peculiaridades que marcam as trajetórias e experiências de vida das e dos crentes, como, aliás, ocorre com qualquer outro segmento populacional. E investigar tais particularidades é fundamental para um projeto democrático que pretenda de fato alcançar todas as cidadãs e cidadãos brasileiros. Isso só pode ser feito rompendo com a lógica dos preconceitos e da taxação uniforme das e dos crentes, postura que só produz exclusão e rejeição.

Na segunda etapa da pesquisa, optamos por avançar para dois eixos fundamentais da democracia brasileira. Por um lado, aprofundar um estudo sobre percepções e experiências com o racismo junto às pessoas evangélicas. Este tema surgiu em nossa pesquisa anterior, a partir do debate de cotas raciais e reparação histórica, mas sem que houvesse qualquer pergunta sobre ele no roteiro semiestruturado.

Nos pareceu fundamental, portanto, aprofundar nossa compreensão sobre essa relação.

A segunda dimensão foi a temática da intolerância religiosa, que vem a ser um dos pilares da visão preconceituosa do debate público sobre o povo evangélico. A ideia de fundamentalismo atribuída às e aos crentes pressupõe uma postura e visão de mundo unitária e refratária, ou mesmo repressora, de outras experiências de fé e pertencimentos religiosos. Nessa construção, as pessoas evangélicas estariam promovendo uma cultura de intolerância religiosa, calcada na diminuição de outras religiões, especialmente daquelas de matriz africana. Nos piores casos, esta cultura autorizaria e estimularia violências diretas contra terreiros de umbanda e candomblé Brasil a fora. Nossa pesquisa mostra que tal preconceito não se sustenta na realidade. A maioria das pessoas evangélicas experimenta, elas próprias ou entre familiares e amigos próximos, intensas dinâmicas de trânsito religioso que reforçam uma cultura de tolerância muito maior do que se supõe no debate público. A maioria, seja entre os crentes de berço, sejam entre os convertidos, mantém relações cotidianas de amizade, parentesco e/ou vizinhança com pessoas de outras religiões, incluindo cultos afro-brasileiros, e valoriza tais laços.

Evidentemente que os episódios de violência religiosa existem e devem ser condenados e punidos. E que muitos deles são perpetrados por pessoas evangélicas. Mas é sintomático da lógica dos preconceitos que o noticiário divulgue algum atentado com a manchete “traficante evangélico” e não faça o mesmo quando o acusado professa outra religião.

Outro dado importante de mencionar na apresentação é que, nesta pesquisa, escolhemos separar nos grupos focais as lideranças evangélicas (pastores, bispos, apóstolos e missionários) e os crentes leigos, que são fiéis comuns que professam a fé evangélica. Primeiro, porque a presença de lideranças poderia inibir os féis nos grupos focais, que acabam seguindo a opinião do seu líder. Segundo, porque é fundamental investir mais na compreensão diferenciada sobre essas duas formas de pertencimento, uma vez que elas refletem experiências de fé e de vida distintas.

O presente relatório desenvolve esta e outras questões, refletindo um processo de pesquisa coletivo e ainda em desenvolvimento. Na primeira seção, Caroline Otávio desenvolve o tema da vida e cotidiano na Igreja; na segunda, Vitor Medeiros analisa a questão da intolerância religiosa; já na terceira, Fernanda Fonseca interpreta a dimensão do racismo; e, finalmente, na quarta seção, Rennan Pimentel discute a respeito das relações entre política e religião.



1.
**Vida e
Cotidiano
na Igreja**

Caroline Otavio

Um dos objetivos principais da pesquisa foi buscar compreender diferentes dimensões de como pensam e vivem as e os evangélicos sobre assuntos de fé e cotidiano na Igreja. Olhar para as pessoas evangélicas como cidadãos comuns que passam pelos mesmos dilemas que todo mundo é um exercício importante e relevante para diálogo democrático como um todo, sobretudo com o chamado campo progressista, que tem se equivocado em algumas tratativas com este segmento. Afinal, as pessoas que professam essa fé não vivem isoladas num mundo à parte.

Quando falamos das e dos crentes, estamos nos referindo a uma significativa parcela da população que constrói diariamente a sociedade, tal qual as pessoas que pertencem a outras manifestações de fé. Uma população que tem os mesmos atravessamentos sociais, políticos e econômicos, que tem sua formação individual influenciada pelas diversas formas de sociabilidade, como a família, a escola, o lazer, o trabalho e, também, a religião. Para os que estão nessa caminhada religiosa, determinados valores espirituais se misturam às questões materiais causando uma análise do mundo material a partir do olhar espiritual. O que muitos têm classificado como alienação ou falta de senso crítico é, na verdade, a forma orgânica com que manifestam a fé no todo da sua vida.

Quando perguntamos sobre visões de mundo, questões da igreja, política e economia, por exemplo, emergiram respostas não apenas diferentes, mas algumas até contraditórias, exemplificando a grande trama complexa que a vida social impõe a todos nós. Encontramos pessoas que, apesar de fazerem discursos com viés mais progressistas, nas últimas eleições votaram para presidente no candidato mais conservador, assim como o contrário, isto é, pessoas com discursos conservadores que votaram no candidato mais progressista.

A pesquisa observou algumas dimensões importantes na vida dos participantes, como a frequência com que vão aos cultos e celebrações, relações familiares, origem religiosa e conversão, entre outras.

Frequência com que vão aos cultos

Quando perguntados sobre a frequência com que vão aos cultos, como imaginado, aí ida aos domingo é uma unanimidade. Alguns vão até em mais de um turno nesse dia. Até mesmo os que têm uma baixa frequência nas atividades da igreja, quando decidem ir, vão aos domingos, sendo este, portanto, o principal dia de comungar para os evangélicos.

Domingo, que é o culto de adoração, e a segunda, que é o de libertação, que eu amo
| **Mulher, parda, 30 anos, leiga, Não denominacional, Auxiliar Administrativa, eleitora do Lula, RJ.**

Domingo é o culto da família! Com meus filhos e esposo, sempre aos domingos
| **Mulher, preta, 35 anos, leiga, Igreja Batista, Diarista, eleitora do Ciro, RJ.**

Nós frequentamos três vezes por semana. Mas o domingo é o principal que é todo mundo se encontra. | **Homem, preto, 45 anos, leigo, Não denominacional, Agente Comercial, eleitor do Bolsonaro, Recife.**

Segunda-feira a gente tem os ensaios de quadramento, tanto feminino quanto masculino, homens e mulheres. Na terça, tem um pouco de estudo. Na quarta, se tem mais, eu vou, porque é ensaio do ministério do louvor que eu faço parte, para poder cantar na quinta. Na quinta-feira, o culto. Quarta e quinta nunca faltou. Sexta, sábado, tarde da benção, que é a oração. E no domingo, escola bíblica dominical e a noite. | **Homem, preto, 32 anos, leigo, Igreja Presbiteriana, Assistente Fiscal, eleitor do Bolsonaro, Recife.**

A dinâmica da vida, que acomete a toda a população, quando outros afazeres e ocupações se impõem na rotina, assim como as emoções e decepções, podem afetar a frequência com a qual essas pessoas vão se engajar. Alguns colocaram limitações concretas como a mudança de bairro, o horário ou o regime de trabalho, as atividades esportivas, entre outros, para caracterizar a limitação do tempo gasto com as atividades religiosas. Outros ainda salientaram se sentir desapontados, o que gerou desmotivação à assiduidade.

Minha igreja é em Bento Ribeiro. Mudei tem dois anos pra Campo Grande. Como eu trabalho em Madureira, eu consigo, de vez em quando, ir na igreja. Quando eu morava em Bento Ribeiro, eu ia toda quinta-feira. Hoje em dia, agora, fica um pouco mais difícil. | **Homem, preto, 42 anos, leigo, Igreja Batista, Taxista, eleitor do Lula, RJ.**

Um domingo eu vou e no outro eu faltou. Então, por exemplo, ontem a gente faltou. Aí eu tento recompensar na quarta-feira. | **Mulher, preta, 46 anos, leiga, Não denominacional, Inspetora, eleitora do Lula, Recife.**

Vou domingo só. Dia de semana treino capoeira. | **Homem, preto, 31 anos, leigo, Igreja Universal do Reino de Deus, Marceneiro, eleitor do Bolsonaro, SP.**

Vou aos domingos apenas. Na semana não tenho tempo, faço a academia e Jiu-Jitsu. | **Homem, pardo, 32 anos, leigo, Não denominacional, Suporte Técnico, eleitor da Simone Tebet, SP.**

Eu já fui muito rato de igreja! Ia todos os dias. Saía do trabalho, escola, faculdade... De 10 anos pra cá, fui visualizando umas coisas, assim, que fizeram com que eu não frequentasse mais com tanta assiduidade. Então, agora, eu vou, às vezes, só aos domingos. Só às vezes! | **Homem, preto, 46 anos, leigo, Igreja Nova Vida, Contador, eleitor do Lula, RJ.**

Vou domingo só. Dia de semana treino capoeira. | **Homem, preto, 31 anos, leigo, Igreja Universal do Reino de Deus, Marceneiro, eleitor do Bolsonaro, SP.**

Sobre essa questão, é importante salientar uma diferença de finalidade. Quando nos dirigimos aos leigos, perguntamos a frequência com a qual vão aos cultos com a intenção de compreender quanto tempo da rotina cotidiana esses fieis dedicam à socialização, comunhão e fomento da fé. Já quando entrevistamos os líderes, nossa pergunta foi sobre se eles exerciam outras atividades além da eclesiástica. Dos 40 líderes entrevistados, 26 tinham outras profissões que conciliavam com as atividades na liderança da comunidade de fé. A seguir, algumas respostas sobre os ofícios e dia a dia dessas lideranças religiosas:

Eu trabalho de segurança. CLT | Homem, pardo, 39 anos, Pastor, Assembleia de Deus, eleitor do Bolsonaro, SP.

Sou analista de negócios da Folha de São Paulo. CNPJ também, passando a MEI. | **Homem, pardo, 43 anos, Pastor, Não denominacional, eleitor do Bolsonaro, SP.**

Eu tenho um mix de profissões. Sou bióloga, nutricionista e professora universitária. Quando não estou de plantão, sou chefe de um laboratório de um hospital público, estou no meu consultório, no Pina, estou dando aula ou estou na igreja ou em casa. | **Mulher, parda, 35 anos, Missionária. Não denominacional, eleitora do Bolsonaro, Recife.**

Sim, fora do outro trabalho? Sim, eu sou vendedor, eu monto cenário, né? Trabalho lá no PROJAC, faço trabalho de garçom, tenho equipe de garçom. Não só porque a pessoa é líder, né? Cada um tem... tem pessoas que vivem da obra. O cara que vive da obra vai ficar só trabalhando na obra de Deus. Eu, às vezes, não concordo de ir lá... Não... Eu não trabalho só obra, tenho meu trabalho fora, entendeu? | **Homem, preto, 48 anos, Pastor, Não denominacional, eleitor do Lula, RJ.**

Eu sou bibliotecária, também sou professora, já fui professora da UFBA, substituta. Depois que eu casei, encerrei minha carreira acadêmica profissional e investi mais na área do ministério. Eu sou pastora hoje, meu marido também é pastor, e tenho dois filhos adolescentes. Eu dei mais consultoria, porque na minha área de bibliotecária eu posso fazer normalização de trabalhos, porque eu trabalhei por muito tempo isso assim de casa, mais remoto. Mas, assim, minha última função foi professora. | **Mulher, parda, 55 anos, Pastora, Não denominacional, eleitora do Bolsonaro, Salvador.**

Sou professora há 34 anos, formada em pedagogia, em psicopedagogia clínica institucional. E, diante da minha profissão, que nós temos visto hoje, é justamente o que gosto muito de citar, é que Deus me colocou. Foi um ministério, uma porta também aberta para a evangelização lá dentro. Tenho visto nos últimos dias que existem muitas pessoas doentes mentalmente. E muitas das vezes a gente cuida do nosso físico, do nosso corpo, mas não cuida da mente. E isso é um dos fatores essenciais. E às vezes eu digo assim, "como é que pode?" Eu atendo crianças, na parte psicopedagógica, e o que vejo, muitas das vezes, eu digo: "Meu Deus, muitas das vezes, pessoas doentes estão cuidando de doentes. Então, como é que pode? Que sociedade é essa em que nós vivemos?" Acredito que Deus me colocou lá para ajudar.

dar as crianças, porque eu tenho testemunhos maravilhosos. Eu peguei um aluno com a língua geográfica. Quando cheguei em março, fui para essa sala atender essa criança especial. Ele não comia, não falava e eu comecei a orar a Deus por aquela criança. E, de repente, assim, era um sacrifício pra dar de comer, porque trabalhei em uma creche, e pra dar comida àquela criança tinha que ser duas pessoas seguindo aquela criança. E eu comecei a orar ao Senhor. Inclusive, a criança é de uma família evangélica e, em poucos dias, eu vi o resultado das minhas orações, onde tem vidas, principalmente carentes, precisando de uma palavra de Deus, precisando de um apoio. Eu digo a Deus, quero estar ali no meio, para tentar ajudar. Fui para uma turma de crianças autistas, e a criança nunca olhava nem para você e ficava o tempo todo rodando, rodando, e ninguém entendia. Aí eu disse: "Ele está procurando o seu ambiente. Quando tem muito barulho, os autistas, ele se constrange aquilo ali. Aí ele começa a buscar de si mesmo o seu eu, a sua pessoa." Aí eu pedi para uma das ADIs – que a gente tem ADI, trabalho pela Prefeitura do Recife – e ali uma das ADIs saiu um pouco com aquela criança, deu uma volta e voltou, e eu comecei também a orar. E era uma criança que já fazia dois anos que estava na creche, mas nada de desenvolvimento. E de repente eu comecei a chamá-lo pelo nome. Aí chamei, chamei, ele olhou pra mim, todo mundo achou interessante, porque foi a primeira vez que ele olhou pra alguém. E disseram: "Poxa, esse menino nunca olhou pra ninguém e agora ele olhou pra você". É bom a gente fazer isso, porque a gente vê Deus trabalhando através de nós, que somos vasos, somos apenas um instrumento na mão de Deus. | **Mulher, parda, 54 anos, Pastora, Igreja do Evangelho Quadrangular, eleitora do Lula, Recife.**

Família e Igreja

Quando perguntados sobre quem os acompanha em suas atividades religiosas, a maioria apontou para o núcleo familiar (cônjuge, filhos, pais e irmãos). Os que ocupam cargo de liderança em suas igrejas esperam não apenas que seus familiares professem a mesma religião, como também que congreguem na mesma igreja. Entretanto, algumas pessoas pensam diferente, de forma individualizada sobre as escolhas e decisões de cada um, sem que isso afete a sua vida ou sua decisão. Há ainda que vão sozinhos ou encontram outras companhias para esse momento, como os amigos. Separamos a seguir alguns relatos:

Nós somos pastores, eu e minha esposa. Temos um projeto há 24 anos dentro das comunidades carentes, esse projeto eu concebi depois que eu perdi um filho. Mataram ele. Então, a partir daí, eu me converti aos 27 anos e estou com 53. Tenho uma filha aqui desde os 7 anos, ela convive cristã, graças a Deus, faz parte da Batista. Eu corri pro lado de cá, por outros caminhos, tenho a minha história própria, e minha esposa, e tenho esse projeto da gente, é o Evangelho Zé Preciso. Trabalhando com dependente químico de droga, né? Eu perdi um filho por causa dessas drogas, e daí, então, Deus me deu esse projeto. | **Homem, preto, 53 anos, Pastor, Não denominacional, eleitor do Lula, Recife.**

Meu esposo é beato da igreja, eu trabalho com missões na igreja. Sou evangélica desde os 7 anos e, de lá pra cá, graças a Deus, que eu tenho um firme fundamento na Palavra do Senhor, porque eu sei que a coisa mais importante é você conhecer a Deus. Isso é vivo. Isso é mais importante pra mim na minha vida, principalmente família. Eu digo que a família hoje, na nossa sociedade, ela tá um pouco desestruturada, muitos não dão valor. Aonde a gente vê que tá totalmente diferenciado, pais, filhos, e a gente só pede mesmo misericórdia a Deus. Então, eu acho assim que se nós juntarmos as nossas forças e com fé em Deus, futuramente poderemos ter uma sociedade mais justa e digna. | **Mulher, parda, 54 anos, Pastora, Igreja do Evangelho Quadrangular, Professora, eleitora do Lula, Recife.**

A minha família, eu cresci no evangelho na casa da minha avó. Minha avó a vida toda nos levava desde pequenininha até eu crescida. Mas meu marido é espírita, então tem outra religião. Então, agora moramos só eu e ele, a gente já tá junto há muito tempo, há quase 20 anos, e ele vai pra religião que ele frequenta e eu vou pra minha e sempre foi assim. | **Mulher, parda, 38 anos, leiga, Não denominacional, Assistente de RH, eleitora do Lula, Recife.**

Eu vou com minha filha, tem 18 anos. Meu marido vai às vezes. Ele ainda não tá congregando, a gente congrega. | **Mulher, preta, 54 anos, leiga, Não denominacional, Marisqueira, eleitora do Bolsonaro, Salvador.**

Com esposa e dois filhos. A minha filha é da escolinha e minha esposa dá aulinha | **Homem, pardo, 44 anos, leigo, Igreja Universal do Reino de Deus, Analista de Sistemas, eleitor do Bolsonaro, RJ.**

Eu vou com os meus filhos. | **Mulher, parda, 40 anos, leiga, Igreja Presbiteriana, Auxiliar de Sala, eleitora do Lula, SP.**

Eu tenho casal de filhos, já são casados, e meu genro, minha nora – que é do menino e da menina, né – eles também são da mesma igreja que eu, minha mãe também, e meus netos. | **Homem, pardo, 48 anos, Pastor, Não denominacional, eleitor do Bolsonaro, SP.**

Dentre todas as cidades em que se realizou a pesquisa, em São Paulo, a quantidade de pessoas que responderam ir com amigos ou sozinhas foi bem maior do que nas demais.

Então, a gente se reúne, dois, três amigos e vamos em grupo. Na maioria das vezes. | **Mulher, preta, 51 anos, leiga, Não denominacional, Advogada, eleitora do Bolsonaro, SP.**

Vou com minhas amigas. Me encontro com elas e vai todo mundo junto. | **Mulher, parda, 40 anos, leiga, Não denominacional, Nutricionista, eleitora do Lula, Salvador.**

Às vezes eu convido alguém, às vezes eu vou com minha filha, que tem dois anos, às vezes eu vou só. | **Mulher, parda, 30 anos, leiga, Não denominacional, Assistente Administrativa, eleitora do Bolsonaro, Salvador.**

Eu vou sozinho porque lá em casa é uma mistura de religião. Então, cada um segue seu caminho. Mas é sempre ir se respeitando. | **Homem, preto, 31 anos, leigo, Igreja Universal do Reino de Deus, Marceneiro, eleitor do Bolsonaro, SP.**

Eu vou sozinha. Eu tenho meu esposo, né? Os filhos são afastados, eles são criados na igreja. Mas eles são os três afastados. E meu esposo também. Meu esposo não é afastado, mas vai de vez em quando. Então, praticamente eu vou sozinha. | **Mulher, preta, 54 anos, leiga, Assembleia de Deus, Vendedora de Seguro, eleitora do Lula, SP.**

Vou sozinho, mas na hora de ir embora, como eu estou de carro, às vezes eu dou carona para a minha tia e para os pastores voltarem pra casa. | **Homem, pardo, 35 anos, leigo, Não denominacional, Eletricista, eleitor do Bolsonaro, SP.**

Geralmente, sozinha e, às vezes, meus filhos me acompanham. Uma já tá com 18 anos, né? Às vezes não quer ir, eu prefiro não obrigar, não acho legal obrigar. E o pequeno, tem 10 anos! Às vezes ele está a fim de ir na escolinha, às vezes não tá. Então, eu deixo, como já está grandinho, deixei em aberto para cada um escolher. Eu ensino, mas cada um escolher o que quer. | **Mulher, preta, 36 anos, leiga, Igreja Metodista Wesleyana, Vendedora de Loja, eleitora do Lula, RJ.**

Vou mais sozinha ou vou com meu irmão, com meu cunhado, porque meu esposo, assim, ele não gosta muito. Até chamo e tal, mas também não gosto de forçar. Então, aí, eu vou com meu irmão, com meu cunhado. | **Mulher, parda, 33 anos, leiga, Não denominacional, Analista de RH, eleitora do Ciro, RJ.**

Eu estou sozinha nessa missão. Tá tranquilo, eu oro pra que todo mundo venha comigo, mas eu respeito a escolha de cada um, porque senão vai dar um conflito dentro de casa. Eu não quero conflito dentro da minha casa. Eu quero paz. A minha casa é uma loucura. É uma loucura total de religiões. Porque antes de eu entrar na igreja, eu era casada. Só que o meu casamento não deu certo, eu separei e voltei pra casa da minha mãe. Aí, nessa, eu me converti. E na casa da minha mãe é uma loucura. Minha mãe tem uma religião. Minha irmã tem uma religião. E eu tenho uma minha. E nós nos respeitamos. | **Mulher, parda, 36 anos, Obreira, Igreja Universal do Reino de Deus, eleitora do Bolsonaro, Salvador.**

Origem religiosa e conversão

Com o crescimento constante da parcela da população que se declara evangélica, foi possível observar em nossa pesquisa que a maioria passou por uma experiência de conversão, sendo poucas as pessoas que se declararam “evangélicas de berço”. Dentre os leigos, as histórias da maioria tinham em comum o fato de que a tradição familiar era em outra religião, geralmente

a Católica, mas que eles fizeram uma escolha pessoal de migrar para a fé evangélica. É preciso levar em consideração que, em nosso país é forte o fenômeno dos “católicos não-praticantes”, isto é, aqueles que nasceram em uma família católica ou que assim se declaram por ser essa a religiosidade predominante, mas que nunca frequentou, de fato, a igreja. Esse fenômeno não se averigua entre os evangélicos. Um “evangélico de berço” é alguém que, de fato, vivencia essa fé. Mesmo os chamados “desigrejados”, fenômeno que cresce no Brasil, que são aqueles que, pelas mais variadas razões, deixaram de congregar, se verifica que, em algum momento ele realmente participou da vida eclesiástica e, mesmo que agora esteja fora, ainda preserva muitos dos valores dessa religiosidade.

Das 40 pessoas entrevistadas, 23 declararam ter mudado de religião. Embora a maioria tenha migrado do Catolicismo, algumas passaram por outras religiões antes de chegar à religião Protestante. No caso das lideranças, essa realidade muda. Dos 40 entrevistados, apenas 14 disseram vir de outra religião, sendo, portanto, a maioria delas “evangélicas de berço”. Veja alguns dos relatos dos que se converteram ao Protestantismo.

A minha família não tinha uma religião que todo mundo seguia. Cada um tinha a sua. É onde o pessoal tem a crença católica, até com minha mãe, mas nunca me levou para crescer ali e me doutrinar em si. Mas ela me levava tanto na católica quanto na evangélica. Eu optei por ficar na igreja evangélica. Depois de uma idade já frequentando as igrejas para escolher qual ficar, fiquei na presbiteriana, estou até hoje. Minha esposa eu conheci lá. | **Homem, preto, 32 anos, leigo, Igreja Presbiteriana, Assistente Fiscal, eleitor do Bolsonaro, Recife.**

Mudei minha trajetória porque minha família vem de família católica. Quando casei e fui vendo outros tipos de religiões, fui frequentando outras igrejas. Através de vizinhos que eu conhecia, uma me convidou. Com a família católica, eles vão para a Católica. Como hoje eu construí a minha família, então hoje eu vou para a igreja da minha família que aqui no caso é eu, meu esposo e minha filha. Na minha família uns vão para a Católica e outros não. | **Mulher, preta, 41 anos, leiga, Igreja Universal do Reino de Deus, Gastrônoma, eleitora do Lula, Recife.**

Na minha família teve um pouco de tudo também. É pelo fato de a gente ser descendente negro, escravo. Aí já vem na cultura essa história de Candomblé. A primeira cultura que vem é essa de Candomblé. Depois do tempo, cada um vai escolhendo qual é que você vai se encaixar melhor. Muitos ainda estão no Candomblé, muitos já saíram. Alguns já não estão mais em nenhuma religião. Eu escolhi a minha. | **Homem, preto, 44 anos, leigo, Assembleia de Deus, Porteiro, eleitor do Lula, Recife.**

Eu frequentei muito o Candomblé. Muito. Na verdade, quando criança, já ia para igreja. Sempre frequentei a igreja batista tradicional. Ao longo do tempo, eu iniciei na capoeira, fui instrutor de capoeira e conheci o Candomblé. Não porque tem os ritos, de se passar, fazer a cura, mas eu não iniciei dessa forma, não fui diretamente. Mas ficava em festa, três dias tocando. Ouvi até dizer, através de um babalorixá, que eu ia receber entidade. Em 2015, retornei para a igreja, já tem nove anos, hoje

pastoreio também. Eu não digo que eu fui do Candomblé, mas participei muito das festas. | **Homem, pardo, 32 anos, leigo, Assembleia de Deus, Controlador Operacional, eleitor do Bolsonaro, Salvador.**

Fui católico praticante mesmo, dava aula de crisma, era líder do grupo de jovens, dava aula de primeira comunhão e me converti. Antes de ser católico, fui criado num lar espírita, minha avó era benzedeira, e o companheiro dela tocava atabaque nos terreiros, e como fui criado pela minha avó até os treze, então, acompanhava eles. Fui consagrado a Santos, mas já pela minha adolescência, eu fui para o Catolicismo. | **Homem, pardo, 43 anos, Pastor, Não denominacional, eleitor do Bolsonaro, SP.**

Até mais ou menos 23 anos eu ia na mesa branca, na Umbanda, no Candomblé... Quando eu cheguei no Candomblé e que chegou a época de eu raspar a cabeça, aí fui pra igreja. | **Mulher, preta, 51 anos, leiga, Não denominacional, Advogada, eleitora do Bolsonaro, SP.**

Fui católica a vida inteira, fui batizada, fiz crisma, fiz tudo. Quando conheci a família do meu esposo, que era evangélico, igual a gente está falando, o exemplo, eles eram muito educados comigo, cuidavam de mim, eu ficava na minha casa, eles levavam comida, tudo pra gente, e aquele testemunho me deu vontade de conhecer e eu fui conhecer o Evangelho. | **Mulher, preta, 54 anos, leiga, Assembleia de Deus, Vendedora de Seguros, eleitora do Lula, SP.**

Veja agora alguns relatos dos “evangélicos de berço”.

Desde que eu me conheço como gente que eu sou evangélica. Eu nunca saí da igreja, não. Eu tenho 36 anos e nunca deixei Jesus, sempre contente sendo crente. | **Mulher, parda, 36 anos, Não denominacional, Analista de Contas, eleitora do Bolsonaro, Recife.**

Eu nasci no Evangelho, com meus pais e meus avós. Então é uma geração, como eu falei no início. Então eu nunca saí e também nunca fui para outra. | **Mulher, parda, 55 anos, Pastora, Não denominacional, eleitora do Bolsonaro, Salvador.**

Eu cresci num berço evangélico, porém, minha mãe evangélica, meu pai foi criado no Espiritismo, no centro de macumba, que minha avó era dona do terreiro, a mãe do meu pai. Então, nasci nesse conflito. E, depois da caminhada, minha mãe começou a caminhar e me levar pra igreja. Só que a igreja que ela me levava, na época, como criança, era muito rigorosa, não podia usar camiseta, não podia jogar bola, aquelas coisas assim. Então, no decorrer da caminhada, por uns 10, 12 anos, ali, houve um problema na igreja, que a irmã de dirigente viúva ia casar com um outro pastor que era divorciado. A dona, a presidente da igreja lá, que era missionária na época, fez todo mundo assinar a exclusão dela e ninguém queria assinar. Quem não assinou a exclusão da pessoa, ela excluiu também. Aí, daí, pra cá, eu me

desviei, fiquei fora da igreja muitos anos, muito tempo. Aí, até um período, com 24 anos, mais ou menos, eu entrei na... Devagarzinho, voltando, foi até o testemunho dum ex-padre que se converteu, tava numa Igreja Missionária do Evangelho no Paraná. Voltei ali, fiquei um bom tempo e frequentava os cultos da igreja que eu era, só sexta-feira que era um ponto de oração. No decorrer da caminhada, eu tava liderando os homens aqui, ajudando no ponto de pregação, aí, ela precisou, os pastores e presidentes precisaram criar, crescer a igreja. Me chamaram pra ajudar, só que eu não senti à vontade, porque eu tava no Ministério confortável grande pra pegar em cavar poço. Só que aí, Deus falou comigo que se fosse, se viesse a transformar, Ele falou, larguei o ministério grande formado pra acabar cavando poço com eles, aonde eu me tornei hoje e tô junto com eles há 17 anos. | **Homem, preto, 43 anos, Pastor, Não denominacional, eleitor do Bolsonaro.**

Mudança de Igreja

Outro aspecto que quisemos ouvir durante a pesquisa foi sobre a troca de igrejas. Perguntamos quem já havia passado por outras igrejas antes da sua atual e por quais razões haviam feito esse trânsito. Os relatos envolvem diferentes motivos, desde acontecimentos do “fluxo da vida”, como mudança de residência e casamento com pessoas de outra congregação, até situações específicas de descontentamento ou divergência com doutrinas da igreja em que estava.

Há ainda os que relataram um chamado divino para se direcionar para congregação. Nesse caso, os leigos mudaram bem menos em comparação aos líderes. Dos 40 leigos escutados, apenas 5 relataram ter mudado de igreja. Já entre os líderes, 18 dos 40 disseram ter mudado de igreja, ministério, ou denominação.

Seguem alguns desses relatos com as motivações para as mudanças:

Eu mudei da Mooca lá pra Prudente, a questão de localização também facilitaria. E eu me achei, acho que é meu momento, conversei muito com Deus e acho que foi isso. | **Mulher, parda, 32 anos, Liderança do Min. Infantil, Não denominacional, eleitora do Bolsonaro no 2º turno.**

Fui de dois ministérios apenas. Durante 16 anos estive em um ministério na região do Capão Redondo Jardim Ângela e era distante, eu era o pastor local da igreja, o responsável pela igreja local ali, e a minha viagem quatro vezes por semana era de trinta e cinco quilômetros de ida e trinta e cinco de volta, quatro vezes por semana. E chegou o momento em que aquilo foi ficando cansativo, eu também vi que eu estava colocando os meus filhos em uma condição assim de privação. E por conta disso eu me desliguei do ministério e no caso passei a congregar lá no próximo de casa e é onde eu estou hoje já há dez anos. | **Homem, pardo, 48 anos, Pastor, Não denominacional, eleitor do Bolsonaro, SP.**

Eu mudei de ministério. Aqui em Recife, quando eu era criança, eu era da Assembleia de Deus do Ministério do Recife. Quando eu fui morar em São Paulo com a

minha tia, com 11 anos... Assembleia de Deus Madureira. | Mulher, parda, 36 anos, leiga, Não denominacional, Analista de Contas, eleitora do Bolsonaro, Recife.

No meu caso, eu cresci na igreja em Nova Galé, que é em frente à casa da minha avó. A vida toda, até no período, acho que uns 10 anos atrás, ela teve um problema com a liderança da igreja e a nossa família não concordou com algum direcionamento. E a gente mudou para a igreja do bairro mais próximo e foi todo mundo para lá. E depois, com o passar do tempo, as coisas vão se ajustando, como a questão da localidade é mais próxima, aí voltamos pra igreja de nascença. | **Mulher, parda, 38 anos, leiga, Não denominacional, Assistente de RH, eleitora do Lula, Recife.**

Eu já fui de outra igreja, acho que não vou citar nome, porque tem pessoas daqui que falou, só que eu fui muito muitos anos, minha tia era obreira, minha avó era obreira... Não, eu vou falar, era Universal. Sempre, os anos todos, cresci, fui apresentada porque na igreja fala, apresentado, não batismo. Sendo que, depois que eu fui me tornando mais adulta e tal, acabei me afastando porque já não tava me fazendo bem da forma que era pregado. Na igreja desde criança até a parte da minha adolescência, foi Universal. Depois que eu conheci outra igreja que eu frequento hoje, já achei uma coisa mais leve... já me senti melhor lá! Então, aí eu voltei, né? Tava muito afastada, não concordava com algumas coisas, né? Da igreja em si (Universal)... Então eu falei, não vou ficar culpando pastor, culpando obreiro, eu não estou me sentindo bem, vou me retirar. Aí fiquei um tempo fora e depois eu procurei uma igreja que eu me sentisse melhor. | **Mulher, parda, 33 anos, leiga, Não denominacional, Analista de RH, eleitora do Bolsonaro, RJ.**

Eu mudei de uma igreja para outra. Durante anos eu aceitei a Jesus numa igreja e permaneci lá durante muitos anos, sendo que na época o meu pastor, ele era militar, e ele foi chamado pra mudar de lugar, foi daqui pra a região dos Lagos e aí ele colocou um outro pastor lá, e esse que ficou mudou tudo que a gente aprendeu com esse primeiro. E aí por esse motivo a maioria das pessoas não se adaptou, até que a igreja fechou, a igreja acabou. Porque ele mudou tantas coisas que cada um foi saindo, e aí chegou uma hora que a igreja fechou e eu procurei uma outra igreja para continuar adorando a Deus. | **Mulher, preta, 44 anos, Missionária, Batista, eleitora do Lula, RJ.**

Eu estava em uma igreja batista. Aí, eu não estava me sentindo confortável. Aí eu convidei minha esposa, e aí, o que você acha? Você vai? Vamos pra outra? Vamos. Aí...foi para o pastor que a gente conhece há muito tempo, ele abriu a igreja a gente foi lá, congregou lá, até hoje a gente tá lá. | **Homem, preto, 50 anos, Missionário, Não denominacional, eleitor do Lula, Salvador.**

Minha mãe, quando casou, foi para a Assembleia, mas a minha família é batista então a gente passou muitos anos aí. Na adolescência eu voltei pra batista, depois eu casei, a gente abriu um ministério. Mas fiquei entre batista e assembleia. | **Mulher, parda, 55 anos, Pastora, Não denominacional, eleitora do Bolsonaro, Salvador.**

Graças a Deus eu fui tratado nessa área, né? Fui curado, mas as recordações às vezes vem assim, meio pesado, mas eu fui curado. Eu amo minha cor, sou apaixonado pela minha cor. Meu Jesus é preto, os olhos dele são da minha cor, os cabelos dele são da minha cor. Só pra descontrair um pouquinho. Mas pela minha cor, a gente já foi muito rejeitado, pela nossa cor. E eu fui acusado de algumas coisas, sem ter cometido e a igreja que eu fui expulso, hoje eu sou pastor da igreja. Eu sou praticamente um Jefté, um José, um Davi, um improvável mesmo. Como não tive como provar, hoje a gente vive nas redes sociais, nas mídias sociais, celulares etc, por isso que muita gente não vigia mais. Então se fosse hoje e alguém dissesse assim, eu tenho prova, está aqui, aí tinha colocado. Mas eu não fiz nada, e hoje sou pastor da igreja, a comunidade todinha sabe o que ele fez, né? Não foi fácil suportar a rejeição, não, né? E ver minha mãe, hoje com 77 anos de idade, na época ela tinha 67, minha mãe sofreu muito, né? Com isso, né? Porque ela ouviu de tudo, né? É igual pai, filho de peixe, peixinho é ele. Então, foi cometido um crime que eu nunca cometи. Então, eu achei melhor, pô, pra minha esposa não morrer, foi bom ter ido pra outro campo pra ser tratado, ser curado, pra voltar, sentar numa mesa, olhar no olho de cada um e dizer assim: "Vamos trabalhar todo mundo junto, ou a gente vai continuar vocês, né, eu não" Então, quem quer viver nova vida, continua perto, né? | **Homem, preto, 43 anos, Pastor, Não denominacional, eleitor do Bolsonaro, de Recife**

A maioria das lideranças religiosas ouvidas tem um emprego que concilia com o seu ofício religioso. Poucos foram os pastores e lideranças que declararam ser 100% dedicados ao seu ministério. Isso mostra como tais lideranças têm uma vida cidadã como qualquer outra pessoa, com diferentes formações e profissões, e diferentes níveis de escolaridade.

Outra percepção importante é a postura unânime que os evangélicos parecem manter em relação à necessidade que sentem de compartilhar a sua fé com outras pessoas, o que se convencionou chamar de evangelismo. Todos afirmaram aproveitar qualquer chance para falar da “Boa Nova de Cristo”, durante as diferentes situações do cotidiano, nos diferentes espaços e por diferentes motivos.



2.

Experiências e percepções sobre Intolerância Religiosa

Vitor Medeiros

Dificilmente um participante confessaria que tem atitudes abertamente intolerantes contra pessoas de outras religiões. Além disso, ao identificar, geralmente, intolerância com ações violentas como agressão física ou verbal, o participante omite o preconceito silencioso, as crenças negativas e o sentimento de superioridade sobre o diferente. Ainda assim, nos resultados dos grupos focais, os participantes apresentam competências democráticas relevantes em um momento histórico de polarização e extremismos, como a adoção do direito como parâmetro de convivência e uma atitude minimamente pluralista, de respeito às diferenças, ainda que sem necessariamente sua valorização. Essa constatação reflete a consolidação da gramática dos direitos e, quiçá, de um consenso civilizatório mínimo no Brasil, não a salvo de corrosão, mas que resiste, a despeito dos conflitos inerentes à diferenciação social, à politização da diferença, às lutas por reconhecimento das identidades e às respostas reacionárias ante a tudo isso.

Um dado importante a ser explorado em pesquisas futuras é o quanto a socialização em ambientes diversos e a convivência com pessoas diferentes reduz as inclinações preconceituosas ou discriminatórias, como aliás já indicado em pesquisas sociais de outra natureza. Na amostra dos grupos focais, todos os participantes que relatam haver sido ligados aos cultos afro-brasileiros, inclusive por origem familiar, também reconhecem e criticam a intolerância religiosa contra estes cultos. Além disso, vários participantes relataram interagir com pessoas de diferentes religiões, modos de vida ou orientação sexual. Tais relatos aparecem como “testemunhos” da tolerância possível e, em alguns casos, de amizade com o diferente.

Embora um ou outro participante tenha enfatizado o dever de pregar “a Palavra” e “a verdade”, o relatório não registra discursos extremistas contra minorias, nem de demonização aberta dos cultos afro-brasileiros, ou noções exacerbadas e politizadas de guerra espiritual ou algo do tipo. Isso pode ter dois significados: a) os discursos de ódio de líderes evangélicos de direita não encontram aderência nas maiorias negras evangélicas, conforme a amostra selecionada, nem mesmo entre eleitores de Bolsonaro; b) não há, em 2024, um clima de autorização desses discursos. Se é assim, há barreiras sociais que impedem sua expressão naturalizada mesmo em espaços propícios para sua expressão, como em um grupo focal com irmãos de fé.

Vale destacar também que não se verificam diferenças significativas nas respostas dos participantes quando comparados entre si quanto a suas identidades de gênero, voto no segundo turno de 2022, posição dentro da igreja (se é líder ou leigo), tampouco idade, cidade, renda, escolaridade, denominação que frequenta. O caráter homogêneo médio do conjunto de discursos sobre intolerância indica que as percepções apresentadas são relativamente sólidas no interior do grupo abordado. Além disso, as opiniões apresentadas pelos participantes geralmente têm base na experiência cotidiana, motivo pelo qual descrevem com frequência situações pessoalmente vividas. Isso corrobora o valor médio dos discursos e sua representatividade.

Definição de intolerância religiosa

A intolerância religiosa é, em geral, definida como “falta de respeito” às diferenças, à individualidade, ao “livre arbítrio” e às “escolhas” dos outros. Os participantes reconhecem diferentes manifestações de intolerância, desde violência física ou verbal até a evitação do outro, por mo-

tivos religiosos. Assim, direta ou indiretamente, os relatos dizem respeito à dimensão afetiva das atitudes de intolerância, ora baseadas em desconfiança, desvalorização, aversão ou ódio pelo outro, junto de um sentimento de superioridade moral. Essa percepção da intolerância permite formulá-la, de um lado, como violência, e de outro como discriminação e, portanto, como um desafio à igualdade. Talvez por isso alguns participantes mencionem a intolerância religiosa ao lado de outras “intolerâncias”, como racial, homofóbica ou política. Por fim, em alguns casos, os participantes relatam suas experiências positivas no contato com o diferente:

Intolerância religiosa para mim é quando uma pessoa não aceita ou quer impor a opinião ou a linha de pensamento. Isso é uma pessoa intolerante, porém, também, a intolerância tem muita falta de respeito. Nós cristãos, o Evangelho, a nossa fé é pela Bíblia e a gente, como o pastor disse, a gente não pode se calar. E também, o que a gente vê nas outras religiões... Eu tive essa experiência, meu esposo novo convertido, ele começou a querer fazer teologia, estudar, e ele via pecado em todo mundo, ele mandava todo mundo pro inferno. Quem passava ele dizia, tá errado, vai pro inferno. E ele tava sendo intolerante, porque ele queria impor a condição dele nas pessoas e é isso que é intolerante, porém, nós cristãos, a gente prega a palavra como ela é dita, escrita, e é o que a gente crê. A gente só não pode se calar, então, intolerância, pra mim, é isso. É quando você quer impor e não respeitar o próximo. | **Mulher, preta, 45 anos, dirigente da Assembleia de Deus, eleitora de Bolsonaro, de Recife.**

Eu tenho um amigo que ele se diz como espírita, ele é da Umbanda. Eu não posso classificar ele porque ele é umbandista e desprezar ele. Não, ele é uma pessoa como qualquer outra. Eu converso com ele, a gente tem coisas em comum pra conversar. Ele até brinca comigo muitas vezes porque eu sou filha de índia, né? E ele diz, eita, tu tem uma conexãozinha pra um negócio lá. Tu gosta do pé no chão, então ele sempre tenta buscar pra ele. | **Mulher, parda, 35 anos, missionária da Missão Evangélica do Brasil, eleitora de Bolsonaro, de Recife.**

Às vezes também é tipo não querer ser amiga da pessoa porque ela é de outra religião, a gente vê muito isso também dos evangélicos. Assim, infelizmente, agora com a internet, estão ficando só entre eles. Um colega meu, que é pastor, ele tem uma página muito legal do Facebook que eu adoro ficar vendo as coisas e esses dias a moça perguntou para ele: ah meu vizinho, ele é de tal religião e ele montou uma hamburgueria, eu não vou lá comer, só vou se a pessoa for evangélica. Não pode, isso não pode acontecer, isso é muito sério e é preocupante porque isso dá impressão que a gente está querendo impor pra todo mundo uma coisa, você entendeu? Isso não é legal. | **Mulher, preta, 46 anos, pastora da Igreja do Bom Samaritano, eleitora de Lula, de São Paulo.**

Uma palavra-chave? Desrespeito. Não tem outra palavra. | **Mulher, preta, 43 anos, missionária da Igreja Caminho Eterno, Salvador, eleitora de Bolsonaro, de Salvador.**

A intolerância religiosa constrói barreiras que dificilmente nós vamos conseguir transpor. E se hoje eu estou aqui nessa sala, como tá o irmão ali, é porque lá atrás

alguém teve paciência e tolerância. Não foi um intolerante. Então, a intolerância religiosa, ela constrói barreiras que impedem o Evangelho de alcançar aquele que não é evangélico. Então, para mim, a intolerância religiosa é como uma ignorância de um extremista. | **Homem, preto, 38 anos, pastor da igreja Batista Renovada, eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

Muita intolerância, acontece muito. Como eu havia dito, na minha família tem muitas pessoas católicas. E já vi casos, né? Ouvi também falar, de pessoas negar o povo católico devido a adorar a imagem, porque o evangélico só adora a Deus. Então, sinto muito, pra mim, isso é uma grande intolerância. | **Mulher, preta, 35 anos, membro da igreja Batista Ciam, eleitora de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

Pra mim intolerância se diz como preconceito também, num certo sentido, não só intolerância religiosa, como racial, com homofóbica, tudo, ter uma opinião própria e não querer escutar outra pessoa falar. | **Homem, preto, 36 anos, membro da igreja Cristã Amor e Graça, eleitor de Bolsonaro, de São Paulo.**

Eu acho que a intolerância é quando a pessoa não aceita a religião do outro, não quer ficar perto, porque ela acredita em determinada religião, a intolerância é por essa linha. | **Homem, preto, 48 anos, membro da Igreja Primitiva dos Continentes, eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

A intolerância é não aceitar a religião do outro. Não é porque você é de Candomblé, e eu frequento uma igreja, que não vou lhe respeitar. A intolerância é não aceitar a religião do outro. Isso está faltando muito. E o respeito também. Pela religião que você tem, pela religião que eu tenho. Acho que o respeito é que está faltando muito. | **Homem, preto, 51 anos, membro da igreja Batista Charisma, eleitor de Bolsonaro, de Salvador.**

Intolerância é quando você visualiza a religião contrária a você com um desdém, “a minha que é verdadeira, a sua não é não”. Mesmo que eu não diga, mas a minha que é verdadeira. Isso é intolerância. Porque eu torno a repetir, a fé, ela só serve para quem está inserida nela. Se a minha fé está inserida na Bíblia, a Bíblia é a Palavra de Deus para mim. Agora, se a minha fé está inserida em uma alguidar com farofa, em uma encruzilhada com Exu, assim vai ser. Se a minha vida está baseada numa santa, assim vai ser. E não vai ser eu ou outra pessoa que vai mudar. Se tem alguém pra mudar alguma coisa, se é aqueles que lêem na Bíblia, é Deus. Acho que a gente tem que não só falar, “ah, eu respeito isso”. Não, mas essa tolerância é entender e saber ouvir o outro, o diferente de mim. O que tem a fé diferente de mim. Ele é só diferente. Mas, não é por isso que ele vai... aí, eu entro em uma outra situação, “pro inferno, pro céu”, aquela história toda entra numa outra discussão. Ah, gente! A gente já está com preguiça disso, não é? Eu, sinceramente, não tenho o saco para falar disso, não. | **Homem, preto, 46 anos, membro da Igreja Nova Vida, eleitor de Lula, do Rio de Janeiro.**

Tenho dois amigos de infância. Um sempre foi da Igreja Católica, o irmão mais velho que nunca ligou pra igreja, e tenho um terceiro grande amigo há uns 15 anos e

ele é da macumba. Meu amigo, frequento a casa dele, ele frequenta a minha. Ele não fala da macumba, eu não falo da igreja. E a gente vive bem. A gente sai juntos, a gente viaja juntos. E vida que segue. A gente se respeita. E, voltando a falar da minha profissão [taxista]: eu cango de levar pessoas com roupa, com imagem, com aqueles pratos, com galinha... galinha já soltou dentro do meu carro, duas galinhas, foi aquela penaiada pra tudo quanto é canto, tive que parar o carro pra ajudar a segurar galinha. Então, cada um tem que ter respeito. “Ah, fulano é isso, fulano é aquilo”, ok. Segue. Religião não se discute. Não é porque a pessoa é macumbeira que a pessoa não vai pro céu... | **Homem, preto, 42 anos, membro da Igreja Batista, eleitor de Lula, do Rio de Janeiro.**

A falta de respeito, de compreensão com o livre arbítrio de cada um. Cada um no seu quadrado! Problema é dele se ele quer se macumbeiro, ele que se resolva com Deus depois, problema é meu se eu quero ser evangélica. | **Mulher, parda, 30 anos, membro da Igreja Ministério Atos 13, eleitora de Lula, do Rio de Janeiro.**

Quando eu não olho pro outro, né? Quando a minha opinião prevalece, isso é ser intolerante. Pra respeitar o outro tem que entender que o outro pode ser diferente. | **Homem, pardo, 40 anos, membro da Igreja Batista, eleitor de Bolsonaro, de Recife.**

Cada um segue sua religião. Você distingue o que é certo e o que é errado e segue como aquele único ponto. Nesse caso eu aprendi que não existe certo e errado, e sim adequado e inadequado e que a base de tudo é o respeito. Como eu aprendi também que existem inúmeras religiões, então cada uma vai ter a sua fundamentação, sua doutrina. Muitas vezes o objetivo é único e o pessoal também acredita que a religião, a minha é a certa e as outras são erradas, as outras são do demônio e liga muito a isso essa questão, no caso a minha é do bem e a outra é do mal, então vamos destruir o mal então. Eu acho que isso é um dos maiores pecados e equívocos dos seres humanos no geral. | **Homem, preto, 30 anos, membro da Igreja Pentecostal da Fé, eleitor de Bolsonaro, de Recife.**

Cada um tem que respeitar, cada um segue a religião que se sente bem. | **Mulher, preta, 42 anos, membro da Assembleia de Deus, eleitora de Bolsonaro, de Recife.**

A questão de não respeitar a religião, querer ficar criticando, né? O cristão ou não. Então, pra mim, isso acaba sendo uma intolerância religiosa. | **Mulher, parda, 33 anos, membro da Igreja Palavra da Graça, eleitora de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

Intolerância é não tolerar uma religião. A minha tia tem um fato engraçado. Quando ela se converteu, meu avô ainda era católico, ele tinha uma santa em uma pedra, e era um botava-pedra, sumia-pedra, e a santa lá. E aí minha tia estava poderosa na fé. Falou que olhou para pedra, olhou para o negócio, jogou tudo fora, jogou a santa, quebrou, “não vai ter mais nada daqui”. Meu avô chegou e disse “eu quero as minhas coisas, você está ficando doida”, e ela “não, você tem que conhecer a verdade”. | **Homem, pardo, 35 anos, membro da Missão Evangélica Pentecostal do Brasil, eleitor de Bolsonaro, de São Paulo.**

Na minha opinião é não respeitar as opções do próximo. Quando não respeita tá sendo intolerante e junto com a intolerância vem o julgamento, se a pessoa é intolerante e fica julgando as opções do próximo, eu acredito que ela já tá errada, tem que respeitar. | **Mulher, preta, 51 anos, membro da Igreja Ministério Efatah, eleitora de Bolsonaro, de São Paulo.**

Não só a religião. O que eu falar, “ele é um homossexual”, “ele faz isso e isso e isso”, “eu não quero conversar com ele”. Eu automaticamente estou dizendo que sou melhor do que ele. Eu acho que ele tem a prática dele e eu tenho a minha. A mesma coisa: eu quero ser respeitada como pessoa, como evangélica, eu busco esse respeito, então eu tenho que dar respeito também. Eu tenho que respeitar. O que me impede de conversar com uma macumbeira que está com a roupa, o que me impede? | **Mulher, preta, 54 anos, membro da Assembleia de Deus, eleitora de Lula, de São Paulo.**

Pra mim, é você não respeitar a religião do outro. No caso, não é porque eu sou evangélica que eu não posso falar e nem respeitar você que é umbanda, que é católica, pra mim, eu acho que é isso. | **Mulher, preta, 46 anos, membro da Igreja Cristã em Recife, eleitora de Lula, de Recife.**

Pra mim é respeito mesmo. É preciso respeitar. Eu sempre respeitei. Eu posso estar em qualquer lugar. Porquanto que fulano não faz parte da minha religião, mas eu vou dar o meu respeito. E do mesmo jeito, eu vou querer o respeito deles. | **Mulher, preta, 41 anos, membro da Igreja Universal do Reino de Deus, eleitora de Lula, de Recife.**

É sobre tolerar, né? Não aceitar e ser totalmente assim... Meu avô era maçom e sabia ler, escrever em hebraico, que era a língua de Jesus. E no fim da vida ele se converteu na Universal. E minha avó era Mãe de Santo. E aí ele foi morar onde? Na casa da minha avó. Então era aquela briga. Ele xingava ela e ela xingava ele, foi uma coisa muito ruim. Então tudo que eu observei dentro disso, por isso que eu abracei a minha avó, porque eu achava que ela estava sendo oprimida naquela situação, por isso que eu não tenho essa mesma prática. Se eu quero aproximar as pessoas de Jesus é como ele fez com a gente, com amor. | **Mulher, parda, 46 anos, membro da Igreja do Evangelho Quadrangular, eleitora de Bolsonaro, de São Paulo.**

Intolerância é a falta de amor ao próximo, falta de respeito, a pessoa não tem respeito ao próximo. | **Homem, preto, 31 anos, membro da Igreja Universal do Reino de Deus, eleitor de Bolsonaro, de São Paulo.**

Se você trabalha com algo, se você se negar a prestar um serviço pra uma pessoa por conta da religião dela, isso é intolerância religiosa. | **Homem, preto, 30 anos, membro da Igreja Nova Unção, eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

É não respeitar. Intolerância é uma coisa que tá acabando com muita gente hoje em dia. Não consegue aceitar o aumento do outro ou a religião do outro. Isso é complicado, hoje em dia, tem muito desrespeito. Agora, sendo dos dois lados, não de um

lado só, porque, às vezes, procuramos só o lado da avaliação. Esquecemos o outro, só é intolerante a pessoa religiosa, é justamente “o evangélico”. Às vezes a parte do outro lado é intolerante e faz as coisas, às vezes até pior do que o evangélico. | **Homem, preto, 45 anos, membro do Ministério Embaixadores de Cristo, eleitor de Bolsonaro, de Recife.**

Eu olhei essa religião da parte dos homens, porque o que eu digo dos homens é a questão de porque a intolerância que eu vejo até de igreja com igreja, e não só de evangélicos com candomblecista ou de religião diferente, mas de pessoas para contra pessoas que não estão na igreja que ele faz parte. Tem muita gente que olha tanto para a religião que ela segue, quer dizer que só quem presta é a igreja dele e a do outro não presta. Isso também é ser intolerante, porque tem várias pessoas que tem a maneira de compreender diferente. Se a pessoa está em outra religião, é porque ela teve um entendimento diferente do seu. | **Homem, preto, 32 anos, membro da Igreja Presbiteriana, eleitor de Bolsonaro, de Recife.**

Eu acho, assim, que a intolerância, o racismo religioso, é a falta de respeito com o ser humano, não é nem com a religião. Porque Deus deu o livre arbítrio, primeiramente. Se eu escolhi seguir aquilo, se o outro não quer, eu não posso fazer nada. Eu posso falar de Jesus pra ele? Posso. Mas obrigar? Eu não posso. Não posso falar que ele tá errado, que ele está ali, que ele está... Não, eu tenho que respeitar. E se realmente, por exemplo, for meu amigo, aí mesmo é que a gente tem que respeitar e conviver pra poder mostrar para o mundo que todo mundo pode viver bem. Independente se você escolheu A ou B. Eu penso dessa forma. | **Mulher, preta, 36 anos, membro da Igreja Batista Wesleyana, eleitora da Lula, do Rio de Janeiro.**

Pra mim, é eu ter como base algo, acreditar em algo e querer impor pra todo mundo. O certo é o que eu acredito. Tipo, eu não sei aceitar o que o outro acredita crer. Até porque cada um tem um entendimento. Cada um de nós aqui entende de uma forma e vai também passar pra outras pessoas de uma forma diferente, até porque se fosse igual, não tinha pra que a gente tá pregando pro mundo. | **Mulher, parda, 36 anos, membro da Igreja Evangélica Oásis, eleitora de Bolsonaro, de Recife.**

Na minha opinião é ter uma pessoa, um ponto fixo ali como certo e todos os outros não fugir daquilo que você acha certo, e não tolerar, não respeitar, agredir pessoas que pensam diferente, que tem uma religião diferente. | **Mulher, parda, 38 anos, membro da Igreja Nova Galileia, eleitora de Lula, de Recife.**

Percepção de intolerância contra evangélicos

Há forte percepção de que os evangélicos sofrem intolerância religiosa, sendo alvo de “desdém”, “preconceito”, “discriminação” e, eventualmente, de violência física ou verbal, por

motivos religiosos. Alguns relatos se referem à rejeição agressiva e violenta às ações de evangelização realizadas por evangélicos, tais como pregação e panfletagem públicas, mas compreendem também o ambiente familiar, espaços públicos urbanos e atendimento em serviços públicos. Sejam filhos que convidam os pais para ir ao culto ou o paciente médico que expressa fé religiosa em sua própria recuperação, em diferentes situações, indivíduos evangélicos se sentem desvalorizados, ridicularizados, ofendidos quando expressam sua identidade religiosa, o que reitera a percepção comum de tensão da identidade evangélica com outras identidades sociais.

Aparece também nos discursos uma autocrítica sobre o comportamento dos próprios evangélicos em relação à diferença. A postura autoafirmativa - baseada em forte crença na “Palavra”, na “verdade” e no ímpeto evangelizador - é indicada como potencialmente geradora de conflitos. Ademais, isso acaba por gerar uma expectativa, em não evangélicos, de um comportamento excessivo, fanático, “chato”, sectário, impositivo e intolerante por parte dos evangélicos. Ou seja, a expectativa do sectarismo evangélico leva outros indivíduos a antipatizar, e quando não, a manifestar intolerância contra evangélicos. Outro preconceito mencionado, esse de longa data, se refere às práticas econômicas adotadas por algumas igrejas, usadas por seus críticos como argumento para a afirmação de que os fiéis são manipulados por pastores mal-intencionados. Questionados sobre se sentem rejeição ao compartilharem sua fé com outras pessoas ou se já presenciaram violência contra evangélicos por motivos religiosos, os participantes respondem:

A pessoa que é crente, ele nunca deixa de ser discriminado. Ele é discriminado constantemente. | **Mulher, preta, 41 anos, membro da Igreja Universal do Reino de Deus, eleitora de Lula, de Recife.**

Já vi pessoas xingando crente, “esse crente chato, enjoado”. | **Mulher, preta, 59 anos, membro da Assembleia de Deus Missões Ministério da Palavra, eleitora de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

Presenciei [violência], mas não foi nada grave. Tem várias igrejas que fazem o culto ao ar livre. Aí tem um pessoal que era de um centro que ficou falando que ia na prefeitura pra saber quem é que tinha liberado, tipo pra prejudicar as pessoas que tinham deixado, por que que tinham deixado fazer o culto lá? Então é meio que uma intolerância, né? Muitas vezes não é aceito se você vai na igreja. “Ah, você está sustentando o pastor, né?” Eu acho que tem muito isso. | **Mulher, preta, 54 anos, membro da Assembleia de Deus, eleitora de Lula, de São Paulo.**

Eu vejo a violência verbal mesmo, principalmente nas redes sociais. A gente vê muito que, por exemplo, eu ainda sigo algumas pessoas do mundo no Instagram. E se essa pessoa é adepta de uma outra religião, eu vou lá e falo assim, ó, Jesus te ama. É um motivo suficiente pra vir, assim, um milhão de comentários, nossa, mas o Oxóssi também te ama. Ogum também te ama. Gente, acho engraçado, né, essa questão do dízimo e ofertas, que as pessoas se baseiam muito pra julgar o cristão. Quando você tá em outra religião, qualquer outra religião que você frequente, você precisa ajudar pra que aquele lugar fique aberto. Principalmente nas religiões de matrizes

africana, é tudo muito caro. Você já teve o seu pai que era Pai de Santo, você sabe, você sabe o que eu tô falando. Então, assim, é tudo muito caro e ninguém fala assim, nossa, eu tô sustentando o Pai de Santo. No mundo, as pessoas gastam dinheiros altíssimos pra conquistar não sei o quê, aí ninguém fala nada, tudo ok. Agora você dá um dízimo, a igreja é plantada e aberta, aí já é um problema. Então, assim, eu acho que é uma hipocrisia, acho que ninguém tem que falar de ninguém, sabe assim? Respeito é a base de tudo. | **Mulher, parda, 39 anos, membro da Igreja Multidões para Cristo, eleitora de Bolsonaro, de São Paulo.**

Tocando em dízimos, ofertas, isso daí eu acho que eles não conhecem, eles querem ficar falando e tem muitos que falam que nem sabem o que está falando. “É, o pastor só quer o dinheiro, não sei o quê, o pastor está com o carro zero”, meu, não tem nada a ver. Eu falo, o que ele faz, o que ele deixa de fazer, quanto mais dado mais é requerido. | **Homem, pardo, 35 anos, membro da Missão Evangélica Pentecostal do Brasil, eleitor de Bolsonaro, de São Paulo.**

Já, no metrô. Foi até uma cena que ficou famosa, que o cristão apanhou, porque ele estava pregando constantemente com o caixa de som alto e tal. É complicado. Você querer só impor a sua visão de mundo. Então o rapaz foi lá e bateu nele. Lógico que isso não é legal, mas ele estava arrematado. A gente entrou no meio do metrô e ele com a caixa de som alto, ele falou a Palavra de Deus não preciso disso. | **Homem, pardo, 40 anos, membro da Igreja Batista, eleitor de Bolsonaro, de Recife.**

Eu trabalho com pessoas que têm várias religiões distintas, e respeito, como elas me respeitam. Então, se você souber uma forma de chegar a um determinado assunto sem que esteja agredindo, acho que a pessoa vai ser receptiva. Por exemplo, hoje eu sou frequentante, eu gosto de escutar a Palavra, me sinto bem na minha igreja. Mas, ao mesmo tempo, me coloco no lugar das pessoas que estão recebendo aquela pPalavra. Eu não tenho um conhecimento muito aprofundado, porém, pelo que conheço, tento passar para as pessoas de forma delicada e que também não acabe ofendendo, porque acho que tudo é a forma de abordagem. Tenho meus clientes, muita gente é do Candomblé, e já consegui até levar clientes meus tanto pra minha igreja quanto para outras. Porque tenho um modo de pensar que, independente da igreja que escolher, importante é crer no Deus vivo. | **Mulher, preta, 30 anos, membro da Igreja Ministério Geração do Espírito Santo, eleitora de Lula, de Salvador.**

É muito relevante essa discussão. Se nós abordarmos alguém já sendo contrários à fé que eles professam, com toda certeza, até o “Jesus te ama” às vezes é uma ofensa, como se Jesus fosse só prioridade nossa. Tudo vai da maneira como vai abordar a pessoa, respeitando o lugar dela, trazendo a nossa vertente do que é o Evangelho, mas sem ofender. Vai muito da questão cultural também, depende do lugar que você vai levar a Palavra e da maneira que leva. Há rejeição, mas se souber ter domínio do assunto, saber o que está falando, há aquele impacto da pessoa não aceitar, e acaba cedendo de acordo com a maneira que você vai falar. Eu já presenciei violência. Uma pessoa estava pregando, mas estava com um tom de voz muito

alto, alguém pediu para ele abaixar, ele falou muito mais alto ainda, e partiu para a violência física. Embora eu não tenha convívio com essa pessoa, apenas estava ali. Mas presenciei. | **Mulher, preta, 49 anos, membro da Igreja Pentecostal Primitiva Atos dos Apóstolos, eleitora de Lula, de Salvador.**

Nem sempre agrada, né? Mas se Jesus não agradou a todos, como é que eu, você, vai agradar? Tem esse lado profano e tem o lado religioso, e tem muitas pessoas que não aceitam. Cada pessoa com sua religião, cada qual segue a sua. Uma pessoa pregando a Palavra dentro do ônibus, e uma pessoa se sentiu ofendida e mandou calar a boca. Que era pra ela pregar na igreja, pregar em casa, que no coletivo não era lugar dela estar pregando a Palavra. Dava pra ver que ela era do Candomblé, porque tava de colar, de conta, de torço na cabeça, roupa branca. E aí começou a ofender a pessoa que tava pregando a Palavra. Mas não chegou às vias de fato não, só ficou falando, e a outra continuou pregando a Palavra. | **Homem, preto, 51 anos, membro da Igreja Batista Charisma, eleitor de Bolsonaro, de Salvador.**

Acontece, mas a gente também entende. Como eu citei, a gente já está familiarizado com algumas religiões contrárias à Palavra do Senhor. Por questão de ensinamento, família, os antepassados, é bem difícil você tirar o ensinamento e traduzir Cristo. Eu acredito que, às vezes, nós passamos pela rejeição por causa da nossa falta de sabedoria mesmo. Como chegar em alguém de uma religião de matriz africana? Se a gente chegar acusando que os orixás são demônios, a gente não vai ter acesso para ganhar aquela alma. Então, é tudo com sabedoria. Até porque o próprio Cristo nunca condenou, trazendo o nome da religião de alguma pessoa, mas sempre expulsando espíritos malignos, espíritos imundos, demônios. Eu acho que a rejeição acontece muitas das vezes por nossa falta de sabedoria. | **Homem, pardo, 32 anos, membro da Igreja Assembleia de Deus, eleitor de Bolsonaro, de Salvador.**

Eu acho que um grande resumo é que o cristão sofre preconceito dentro da igreja com as coisas culturais e questão de religiosidade mesmo e também sofre preconceito para quem não tem a mesma religião com relação a, justamente, a linha aparente que é ser o santo, ou ter só um determinado tipo de cabelo, ou tipo de roupa, para se apresentar como cristão. Então, eu acho que o preconceito ele está, tanto dentro da igreja, como fora, de diferentes formas. Minha visão de violência não é física, mas por palavras, eu já tive dentro da minha casa mesmo. Meu pai não é cristão, então, à medida que a gente ia crescendo, a gente ia apresentando o jogo na igreja, fazendo peças. Era pra chamar um convidado, um parente. Então, sempre no domingo ele tava bebendo a cervejinha dele e tal. E quando a gente chamava: “ó para de beber, porque às quatro da tarde, sete horas, tem um culto pra acompanhar a gente, pra ver a peça”. Aí ele dizia: “mas lá vai ter cachaça?”. Ele tirava uma onda. Eu ficava muito irritada com isso quando eu era criança. Eu fui crescendo assim. Até meio que respeita a igreja, mas ele não respeitava a gente. Ele perguntava se na igreja ia ter cachaça, se tivesse ele ia, se não tivesse ele não queria ir, não queria participar. Então, é um tipo também de preconceito. | **Mulher, parda, 38 anos, membro da Igreja Nova Galileia, eleitora de Lula, de Recife.**

O meu pai também perguntava: “Não sei se vai ter carnaval, se tiver eu vou, se não tiver, eu não vou”. Eu já senti dentro de casa ou com as amizades antigas, a gente sempre sofre algum tipo de preconceito com a vida agora que nós vivemos hoje. Outra vez eu vi meu pastor, um colega meu, ele pregando com os moradores de rua. Veio um rapaz, alto e deu uma voadora nele. Um momento foi engracado, um momento foi preocupante, porque de repente o cara voou, graças a Deus não chegou a pegar mesmo nele. Pegou de lado, mas ficou meio pegando o púlpito. Então o púlpito caiu no chão, a gente segurou o rapaz. Esse tipo de violência, às vezes, acontece na verdade mesmo, tem gente que não gosta de jeito nenhum. | **Homem, preto, 45 anos, membro do Ministério Embaixadores de Cristo, eleitor de Bolsonaro, de Recife.**

Já aconteceu uma situação que já vi, mas eu vou enfatizar essa aqui, que eu trabalhei durante dois anos como motorista de aplicativo. Eu moro na Zona Norte do Rio, no Engenho da Rainha. Enfim, naquela região ali, eu peguei um passageiro perto do mesmo, na Nova Brasília, pra levar pra a Praça de Inhaúma, que tem uma Igreja Batista ali. Aí o rapaz veio conversando comigo. Ele falou, nossa, você foi o único que decidiu vir até aqui. Fui lá, peguei ele, estava com uma cadeira de rodas, dei um jeito, botei no carro, ajudei ele a entrar no carro com a esposa dele e fomos. E no meio do caminho ele falou que ele sofreu um acidente e ele perdeu o movimento das pernas, total. E, quando ele saiu da cirurgia, o médico falou pra ele assim, bom, agora só daqui a dois anos aí você já começa a mexer o dedinho no pé. Aí ele falou “em nome de Jesus, eu não recebo essa palavra”. O médico já ficou assim... “Ah, se você é crente...”, já deu aquela desdenhada por conta da fé dele. E aquele dia ali era seis meses depois da cirurgia e depois dessa avaliação com o médico. Era o primeiro dia de culto que ele estava indo pra igreja e ele já estava ficando em pé com a muleta. Depois que ele voltou, cinco meses depois, ele viu o médico, e ele viu o acompanhamento que ele estava fazendo com o fisioterapeuta e apagou o contato dele, bloqueou, fez tudo... Ficou envergonhado. Nunca mais... nem quando vê ele, olha pra cara dele. Entendeu? É só isso mesmo. Essa desdenhada da gente é padrão. | **Homem, preto, 30 anos, membro da Igreja Nova Unção, eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

Eu comecei meu ministério pregando no ônibus. Teve uma época que eu tava pregando, e uma mulher, ela falou palavras obscenas que não vou dizer, mas só que as pessoas que vinham no ônibus ouvindo eu pregar, foram e repreenderam ela. Falararam: “é melhor você ouvir um jovem pregar a Palavra do que alguma pessoa queira entrar para assaltar você. Se você não quiser ouvir, você desça do ônibus, todos nós queremos ouvir.” | **Homem, preto, 30 anos, pastor da Assembleia de Deus, eleitor de Bolsonaro, de Salvador.**

É, comigo não aconteceu. Eu tinha uma loja de estofados lá em Pirajá, aí aluguei o ponto, fiz amizade com o pessoal e depois da minha loja tinha um bar e colado com o bar era uma casa de Candomblé. Eu trabalhando, foi dia de sábado? Não sei se foi um sábado ou foi um domingo. Aí o pessoal da Adventista, vai de casa em casa dando estudo bíblico. Veio duas mulheres de lá do bairro, e essa Mãe de Santo conhecia

as mulheres. Ela estava molhando as plantas de frente da casa do Candomblé. As mulheres encostaram para falar alguma coisa e ela jogou a lata de água nas mulheres. Jogou! Eu fiquei assim parado olhando e começou a falar um bocado. Eu disse, não vou nem intervir senão ela vai para cima de mim também. E ainda falou um bocado de palavra horrível. | **Homem, preto, 53 anos, missionário da Primeira Igreja Batista de Castelo Branco, eleitor de Lula, de Salvador.**

Percepção de violência contra cultos afro-brasileiros e outras religiões

Há reconhecimento e condenação da intolerância contra os cultos afro-brasileiros e seus praticantes. Estes devem ser evangelizados para que “conheçam a verdade” e sejam “libertos do erro”, conforme a índole proselitista dos evangélicos, mas não há nenhum discurso relativizando a violência ou argumentando para legitimá-la, nem mesmo por motivos missionários. Os resultados significam que, na amostra observada, o sentimento de superioridade não se desdobra automaticamente em supremacismo evangélico.

Os resultados encontrados também indicam que há muito menos distância entre adeptos de religiões diferentes do que parece. Muitos participantes já foram adeptos de cultos afro-brasileiros, convivem ou conviveram com adeptos, inclusive amigos e familiares, bem como conhecem ex-evangélicos que se converteram a algum destes cultos. Também há relatos que valorizam a boa convivência entre os diferentes:

Na minha família teve um pouco de tudo também. É pelo fato de a gente ser descendente negro, escravo. Aí já vem na cultura essa história de Candomblé. A primeira cultura que vem é essa de Candomblé. Depois do tempo, cada um vai se escolhendo qual é que você vai se encaixar melhor. Muitos ainda estão no Candomblé, muitos já saíram. Alguns já não estão mais em nenhuma religião. Eu escolhi a minha. | **Homem, preto, 44 anos, membro da Assembleia de Deus Córrego da Bica, eleitor de Lula, de Recife.**

No final da minha rua, tem um rapaz que ele é gay e ele tem terreiro lá, de Umbanda, e ele ajuda muito as pessoas. Ele dá cesta básica, ele tem um filho que é adotado, ele é uma pessoa muito boa. E assim... chamam a polícia, brigam, tipo, quando ele vai doar lá alguma coisa, tem gente que não aceita. Então, é um preconceito porque ele não tá, eu acho assim: a pessoa não tá... por que que ele vai ganhar, ele não tá fazendo nada de errado, não tá fazendo nada de mal, entendeu? Mesmo se você não quisesse, tudo bem, mas respeita, né? Eu acho que isso é muito importante, eu sempre falo na minha casa: respeita. Sempre falo, e eu acho que ele sofre muito preconceito sim, muita violência sim. | **Mulher, preta, 46 anos, pastora da Igreja do Bom Samaritano, eleitora de Lula, de São Paulo.**

Eu trabalho com angolanos, são evangélicos. E no nosso trabalho na rua eles sofreram isso daí e eu nunca tinha visto isso ao vivo. A gente foi fazer uma abordagem num evento da prefeitura e eu vi ali a pessoa, ela estava na vestimenta africana porque ela era do Candomblé, estava daquele estilo dela. Nós estamos no estado laico, mas ela entrou no ambiente num evento da prefeitura e ela realmente foi escorraçada porque uma pessoa falou que ela tinha feito trabalho pra matar crianças não sei o quê, e o povo foi pra cima e eu fiquei “gente, que que é isso?”, porque isso vai totalmente fora do que só a religião, mas também a integridade física de uma pessoa, então o direito de ir e vir né, bem complicado. | **Homem, pardo, 43 anos, pastor da Igreja Fogo Pentecostal, eleitor de Bolsonaro, de São Paulo.**

Talvez pela forma de ritual que eles fazem, muitas das vezes ser feito em ruas, esquinas e coisas assim, então diretamente violência contra pessoas não, mas eu já vi pessoas tomando atitude de chutar, de quebrar, de fazer alguma coisa com relação ao ritual que eles fazem na rua, não deixa de ser uma violência contra a religião deles, né? | **Homem, pardo, 48 anos, pastor da Comunidade Unção e Graça, eleitor de Bolsonaro, de São Paulo.**

Aconteceu assim, no período que eu estava trabalhando na empresa, que a minha gestora era espírita, tinha umas professoras que também eram. E todos os dias eu vinha e ia para o colégio com uma professora que ela era kardécista. E muita gente recriminava e dizia assim: “por que você anda com ela? Ela não é uma pessoa certa para andar com você.” Quer dizer, para mim isso aí é uma intolerância religiosa, porque você questionar alguém porque não é da sua religião, e você não poder sair com aquela pessoa assim, pra você caminhar de uma determinada rua, que morava quase duas ruas depois da minha. Então, eu não aceitava isso e muitas das vezes, as meninas: “eu não sei como que você se diz evangélica e você anda com a fulana, que ela vive dentro do Candomblé, ela vive dentro do terreiro.” Independente disso, somos gente, como qualquer pessoa. | **Mulher, parda, 54 anos, pastora da Igreja do Evangelho Quadrangular, eleitora de Lula, de Recife.**

Já presenciei uma vizinha chamar uma pessoa para ir para o centro espírita, não é Candomblé, é de centro espírita. Chamou uma pessoa e pelo fato dela ser evangélica os pais dela não deixaram e começou a esculhambar ela de tudo, não deixou de jeito nenhum, porque ela tinha uma curiosidade de conhecer o centro espírita para ver se era do mesmo jeito que a igreja, só questão de curiosidade; aí os pais dela não deixaram de jeito nenhum. | **Mulher, preta, 40 anos, missionária da Igreja Batista, eleitora de Lula, de Recife.**

Eu já presenciei no hospital, duas meninas batendo boca por causa de religião. Uma era evangélica, a outra era do Candomblé, e uma dizia que ia jogar uma coisa pra outra, outra dizia que ia descer na madrugada. Era nesse nível, era como se cada uma tivesse um poder. E outra que não foi assim uma agressão religiosa, mas, querendo ou não, foi. Na minha própria casa, que algumas pessoas começaram a dizer: "menina, por que tu tem amizade com fulano?" O sócio do meu ex-marido, ele é espírita. E assim, mesmo ele sendo espírita, ele é uma pessoa sensacional,

sabe? E eu gosto muito de estar com ele, a gente senta, conversa. E eu costumo dizer que quando Deus quer usar, até a mula ele usa, né? Então, o Senhor usou Ele pra me mostrar algumas coisas de quem era o meu marido. Então, assim, até hoje nós somos grandes amigos, quando ele tem algum evento, alguma coisa, eu falo, eu preciso de tu pra na área de nutrição. | **Mulher, parda, 35 anos, membro da Missão Evangélica do Brasil, eleitora de Bolsonaro, de Recife.**

Teve uma vez que os jovens lá da rua que as minhas filhas brincam com os primos, e tem um menino que ele está envolvido nisso, ele é escurinho e dizem que ele é, eu não entendo muito, da bruxaria, né? E quando ele chegou, escantearam ele, saiu uma confusão, ele disse umas coisas e ali eu fiquei assustada, tirei minhas meninas e aí a família de um rapaz veio e já viu, redes sociais, infelizmente... Eu digo assim, eu me incluo porque muitas vezes a gente é preconceituoso. Às vezes, eu digo porque na igreja que eu faço parte, muitas, principalmente as mulheres mais idôneas, elas não dão paz a qualquer pessoa, viu que a gente mais jovem a gente tem mais entendimento, lê mais a Bíblia, eles também não tem muito entendimento, então a igreja da gente às vezes leva esse título. E as pessoas são assim, ou cor, ou raça, ou denominação, enfim. | **Mulher, preta, 45 anos, membro da Assembleia de Deus, eleitora de Bolsonaro, de Recife.**

Eu vejo direto, até pessoas dentro da igreja, com preconceito com pessoas do Candomblé, com preconceito com pessoas de outras religiões. Eu vejo muito isso. Principalmente com preconceito com as pessoas do Candomblé. Eu penso assim, a gente tem que respeitar todo mundo. Se algo não está bem, você se afasta e entrega para Deus. O que Deus determinar, é o certo. Se Deus não fizer nada, quem sou eu para ir contra o que Deus quer? Eu vou me afastar e respeitar o que está bom para a outra pessoa. | **Mulher, parda, 36 anos, obreira da Igreja Universal do Reino de Deus, eleitora de Bolsonaro, de Salvador.**

Acho que a intolerância religiosa acontece quando parte mais pro lado pessoal. Eu discordo de algumas falas aqui, porque eu não posso ser cristão e aceitar alguém que é do Candomblé, que não professa a mesma fé, não aceita o Cristo. Até porque a Palavra de Deus diz que Jesus veio, e todo aquele que o recebeu também o poder de ser chamado Filho de Deus. Quando fala que os candomblecistas também são filhos do mesmo Pai, já quebra um pouco a Palavra de Deus. Porque tolerância religiosa é quando você tolera a pessoa. É quando você suporta a pessoa. É quando você não agride por causa da sua religião. É quando você não ofende por causa da sua religião. Agora, nada disso vai quebrar a verdade. Porque dizer que eu respeito a pessoa que não é cristã, eu respeito. Mas eu nunca vou deixar de pregar a verdade que é Cristo. Deixar de pregar a verdade que é bíblica, porque uma pessoa não professa a mesma fé. Ou, até mesmo, porque tem essa situação de intolerância religiosa. Muitas das vezes, nós nos acovardamos porque não temos um preparo para falar diretamente com uma pessoa sem ofendê-la. Acho que eu preciso pregar contra todo tipo de religião, de uma forma educada, de uma forma sábia. Abraço meus amigos que são do Candomblé. Mas não deixo de pregar a verdade. Abraço amigos que são católicos, mas não deixo de pregar a verdade. Então, é sempre com

a educação, com sabedoria. | **Homem, pardo, 32 anos, membro da Igreja Assembleia de Deus, eleitor de Bolsonaro, de Salvador.**

A gente vê, não só na rua como na internet, na vizinhança, a gente aqui mesmo, tá o tempo todo chamando as pessoas de matriz africana de macumbeira. Pra uma pessoa que é macumbeira, como a gente tava dizendo, pra ela é uma agressão, uma violência, ela não gostaria de ser chamada assim. Eu já vi pessoas, isso aconteceu muito com católico e evangélico no início, né? Que tinha muita questão. O número de espíritas não era tão grande como era de católicos e evangélicos e eu vi um dia uma senhora, ela tava com uma blusa com a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, e chegou uma pessoa que era da igreja e falou assim, "O que você tá fazendo com essa porcaria no teu peito? Tire isso daí! Jesus não quer você com isso daí". Mas quem deu essa autoridade pra ela, pra chegar pra outra pessoa, dizer o que é bom pra ela ou não? Se o próprio Jesus estivesse aqui, ele não falaria isso pra ela. | **Homem, pardo, 49 anos, pastor da Igreja Metodista na Fé, eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

Eu também vejo isso como uma falta de respeito. Ali onde tem a igreja, num período, era um tipo de uma facção e como saiu, entrou outras facções, Entrou uma facção [na favela] que não aceita o Espiritismo. Manda sair, quebra tudo. Então, no período que eles entraram lá, eu vi muitas pessoas evangélicas, tipo assim, comemorando, "Deus é fiel!", mas uma coisa assim é errado. Porque a gente vive num país que é laico e onde as pessoas têm a liberdade de expressar a sua fé. Por mais aquele processo, eu tenho para mim como errado, eu não posso chegar para ele e falar "você está errado" de uma forma grosseira, porque desde criança ele aprendeu que aquilo que ele está fazendo é o certo. Então, nós temos que ter estratégia para poder chegar até essa pessoa. E infelizmente a gente vê muito a questão de intolerância quando a gente está na igreja, mas o povo evangélico infelizmente é muito intolerante também em relação às outras religiões. | **Homem, pardo, 39 anos, pastor da Igreja Marca da Promessa, eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

Pra mim, intolerância religiosa é não respeitar a religião do seu próximo. A minha prima é mãe de santo, mas ela tem um sítio que ela aluga, quando está sol, você vai lá paga 20 reais pra entrar e come, paga as comidas... Muito bom! A minha mãe falou assim, "Neide, vamo na Tânia?" Falei, vou. A minha outra irmã, que é crente... "vai pra Tânia?". "Vou, vou na Tânia!". Tânia é a nossa prima, criada com a gente, por que essa intolerância com ela? Porque ela é mãe de santo! Conheço Tânia desde pequena, fomos criadas juntas. Então, eu fui para o sítio, eu vou lá, a Tânia estava lá, faz aquelas coisas dela todas, né? Ela tem um quartinho dela lá, dá vovó dela que ela dá a consulta. Aí, eu entrando na casa dela, que eu tenho hábito, fui criada com ela, "aí, Tânia, o que é que tem aí?", "ah, não, não, essa porta aí não, você agora é crente, aí é o quarto da vovó", aí falei: "misericredo (risos) vou mandar tacar fogo nisso!", brincando com ela. Quando eu cheguei em casa: "uê, tu comeu na Tânia?" Gente, comida maravilhosa! E eu com isso que a Tânia é espírita? A minha irmã também é espírita. Na casa dela você abre um portão tem uma imagem nova, que eu não vou falar qual é, que é dela. Eu vou respeitá-la. Eu não tenho direito nenhum

de criticar porque ela é espírita! E também eu não posso deixar de ir na casa dela, porque eu gosto dela como pessoa. Então, eu não poderia jamais ficar criticando. Não tenho esse direito. | **Mulher, preta, 59 anos, membro da Assembleia de Deus Missões Ministério da Palavra, eleitora de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

Eu entendo como uma forma de violência também indireta, quando, por exemplo, em trabalho ou na comunidade que você sabe que é uma pessoa que tem uma religião diferente e aí pede-se para não se misturar, pra não andar com a pessoa, pra não conversar com a pessoa. É como se a pessoa fosse menos gente. Não é cristão, não tem a mesma religião, então, deixa ela de lado, não fala. Tipo, “ali anda carregada com outra coisa”. Então é esse tipo de conversa e de pensamento, tanto na vizinhança, na igreja, como até no trabalho. | **Mulher, parda, 38 anos, membro da Igreja Nova Galileia, eleitora de Lula, de Recife.**

Eu não presenciei, não. Mas a minha comadre essa semana chegou lá em casa contando que ela foi fazer um exame, porque ela estava com um problema na coluna. Aí sentou do lado de uma rua, sentou no metrô, ela é candomblecista, e aí, conversando com a moça, a moça: ela também é candomblecista... eu vou te dar o meu número, você me liga e tal. Sendo que a minha comadre sem querer anotou o número errado! Aí ela mandou uma mensagem pra moça, falando algumas coisas, e a moça que o telefone caiu era evangélica e mandou mensagens arrasando ela. Ela chegou em casa, falei, não liga! Você que é candomblecista, é problema seu. Ela é crente, é o problema dela. Eu sou crente, é o problema é meu. Cada um segue o caminho que Deus toca no seu coração. Isso aí é para te desviar do seu foco e o foco maior é Jesus. | **Mulher, preta, 36 anos, membro da Igreja Batista Wesleyana, eleitora de Lula, do Rio de Janeiro.**

Eu já ouvi falar, notícia na televisão de traficante evangélico destruindo, não sei como é que se chama, destruindo centros, ou seja, assim, lá onde eu moro, onde eu frequento, também já ouvi falar que zoaram um centro que tinha lá, tal. Mas, pelo que eu entendo quem faz isso não são os evangélicos, é criminoso que se diz cristão, sabe? Mas de evangélico, sei lá, que frequenta igreja, não ouvi fazer isso não. | **Homem, pardo, 33 anos, membro da Igreja Todos Igualis, eleitor de Lula, de São Paulo.**

Essa mesma minha comadre ela vai ao Candomblé e as coisas não estavam bem na casa dela, aí a madrinha da filha dela falou, “qualquer problema que você tiver vai na igreja, vai não sei aonde, mas não vai na macumba, não!”. Quer dizer, ela desrespeitou, pra mim, na minha opinião, era melhor não ter falado nada. Era falar “olha, se você precisar, eu estou aqui！”, mas “não vai na macumba, não?” Ela acredita no que ela quiser, eu penso dessa forma. | **Mulher, preta, 36 anos, membro da Igreja Batista Wesleyana, eleitora de Lula, do Rio de Janeiro.**

Eu acho que uma vez só, foi comigo, tava indo pra capoeira, tava todo de branco, o pessoal já pensa “é um macumbeiro ali”. Eu passo às vezes com o berimbau e... mas aí eu ignoro, sei que a pessoa é ignorante, quando a pessoa tem realmente Deus no coração ela dá todo o amor nesse ambiente da crença, eu penso dessa forma. | **Homem, preto, 31 anos, membro da Igreja Universal do Reino de Deus, eleitor de Bolsonaro, de São Paulo.**

Teve uma época que estava em greve, os ônibus, e a minha mãe estava internada. Eu estava vindo do hospital e tinha um pessoal que morava na rua da minha mãe que eles eram da macumba, eram três. Aí eles me ofereceram uma carona. Eu peguei a carona, porque assim, independente da religião deles, não tem nada a ver. E assim, são pessoas que eu converso, normal, eu não converso sobre religião, mas eu converso. E na rua da minha mãe é muita gente fofoca. Quando eu cheguei no carro, eles estão naquela roupa, minha irmã tomou no portão, ela falou: "você estava vindo da macumba?" Ela foi a primeira a gritar. Aí a minha outra irmã que é a evangélica, já falou: "cê está em cima do muro, sai de cima do muro, você vai pra macumba", e todo mundo olhando... Eu cheguei e falei: "que que está acontecendo?" Aí a minha irmã falou: "entra que a gente vai conversar", e ficou um comentário. Minha irmã falou: "você não tem vergonha na sua cara, você não pode falar com eles". Eu falei: "você está louca?" Eu peguei uma carona. Ela falou: "tá todo mundo comentando que você está frequentando a macumba, agora vai lá chamar as pessoas para ir para uma célula para ver quem vai?" E até hoje as pessoas comentam que a gente estava indo para a macumba. Isso aí já passou cinco anos, mas é meio importante. | **Mulher, parda, 46 anos, membro da Igreja do Evangelho Quadrangular, eleitora de Bolsonaro, de São Paulo.**

Eu já presenciei, mas faz um bom tempo. Eu tinha uns 14 para 15 anos, eu estava indo comprar pão e próximo à casa da minha avó tem um centro espírita. Nem sei se existe ainda próximo ao Tóquio Morro da Conceição. Tinha uns vasos, era até dia de São Cosme e Damião. Eu tinha essa faixa etária de idade e eram muitas crianças pegando e um homem todo ensanguentado, porque chegou dois rapazes, foram três, entraram e quebraram tudo, aí quebraram esses negócios que estavam em cima. Não sei como foi, porque quando cheguei já estavam quebrados e as crianças todas chorando, o negócio tudo em cima e esse que é Pai Santo todo ensanguentado. Lembro como se fosse hoje, que eu estava passando, que era caminho para comprar o pão, que era na avenida e eles estavam numa transversal e estava lá só aquele fuzuê, acho que um bocado de criança chorando, um bocado de confeito, as portas tudo quebradas, e tinham sido três homens que tinham aparecido do nada e quebraram. | **Mulher, preta, 46 anos, membro da Igreja Cristã em Recife, eleitora de Lula, de Recife.**

Ainda existe. Tem pessoas, se vocêvêela de roupa branca, coisa, o irmão fala: "ah, o macumbeiro", né? Não se refere a pessoa, a pessoa, ela é uma pessoa. Tanto é que esses dias eu tava passando no carro, não lembrei, tava eu e minha filha, né? E aí estavam umas cinco pessoas colocando as coisas dentro do porta-malas e elas estavam todas de branco, né? Mas eu, de verdade, que eu não tava olhando pra eles, eu tava olhando uma outra coisa e mostrando pra minha filha o lugar que a gente ia, que ela tinha que retornar pra gente voltar. Aí eu olhei pra elas, aí elas olharam e falaram assim: "o que que foi, o que que foi? É macumba mesmo, estamos fazendo macumba mesmo". Ela falou pra mim, assim, como se eu tivesse... mas eu realmente não tava, porque não sou assim, porque qualquer religião é um ser humano. | **Mulher, preta, 54 anos, membro da Assembleia de Deus, eleitora de Lula, de São Paulo.**

Eu vi no noticiário, acho que todo mundo deve ter tido conhecimento de uma mãe de santo que foi, parece que assassinada, mas assim, só essas questões mesmo que a gente vê, né, de rede social, que é muito desrespeitando outras, se eles são mais isso mesmo. E dentro da igreja, não só falam de pessoas de matriz africana, mas assim, na minha igreja, às vezes vai um rapaz que ele é homossexual. E me incomoda a maneira como uma ou duas pessoas olham pra ele. | **Mulher, parda, 39 anos, membro da Multidões para Cristo, eleitora de Bolsonaro, de São Paulo.**

Não... Eu lembrei de uma situação que eu nem sei se entraria nisso, que é meio uma questão de preconceito... Tem uma amiga minha também que ela é fervorosa ali, né? Espírita! E aí tem uma nossa outra amiga em comum que é evangélica, acho ela já um pouco preconceituosa. Quando essa senhora, ela tem acho que 60 e pouco, faz alguma festa, alguma coisa, ela fala assim: "não, eu não vou"; aí eu falei: "mas por que você não vai? é aniversário dela e tal, ela não está fazendo uma festa ali para o santo dela nada, é aniversário dela", até porque se ela fizesse, eu também não ia, porque não me sinto bem, e ela sabe disso e me respeita. Mas assim quando é para conversar sobre o assunto da religião dela, eu fico ali e ela conversa e eu respeito assim como ela respeita. Mas aquilo ali me deixou tão triste. Que eu achei um racismo, um preconceito, entendeu? "Não, porque eu não vou, que ela é espírita, não vou comer as comidas dela..." Eu fiquei assim... eu falei: "bom, tudo bem é um direito seu, você não quer, mas eu vou!" | **Mulher, parda, 33 anos, membro da Igreja Palavra da Graça, eleitora de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

Já sim, dentro da escola. Uma aluna foi agredida por conta da religião, das vestes de Candomblé e ela foi agredida dentro da escola. A direção foi muito legal, muito inteligente, convocou os pais, porque são adolescentes, e foi pra polícia, prestou a queixa, tudo certinho. E na outra semana a gente conseguiu resolver, a gente fez uma palestra, chamamos psicólogos, chamamos pessoas de diversas religiões para fazer uma palestra na escola e a gente conseguiu. Também foi o único caso e depois nunca mais ocorreu. | **Homem, pardo, 40 anos, membro da Igreja Batista, eleitor de Bolsonaro, de Recife.**

Já vi crente implicar com pessoas espíritas. Eu já vi 500 pregações de evangélicos falando contra religiões afrodescendentes. Porque o orixá tal, tal, tipo, o cara pregando e falando sobre isso! Que eu achava um absurdo e deixava minha mãe com raiva e com razão. É o que eu estou falando, às vezes, a igreja ela vacila, ela fala o que não deve falar. Isso não está escrito na Palavra... Exu, Orixá. Não está escrito nada disso. Então, as pessoas agredem muito o espírita porque... é, como eles dizem, demonizaram a religião de certa forma, assim. Então, tipo isso, isso é um peso muito forte. Eu estou achando muito legal, porque, torno a repetir, aqui a gente está vendo muitos exemplos positivos. Mas eu acho interessante, é... visualizar que existem os contrários, que existem outras situações que são relevantes também... "A igreja do casalzinho, que lindo meu filho. Está tudo lindo, indo pra igreja, domingo, ó! que lindo!" E a vida continua. E as famílias estão sendo divididas porque as pessoas estão querendo embutir aquela outra. E não é por aí que as coisas funcionam. Então, essa é a violência que eu vejo muito, do crente sendo violento com outra

pessoa de outra religião. | **Homem, preto, 46 anos, membro da Igreja Nova Vida, eleitor de Lula, do Rio de Janeiro.**

Eu nunca presenciei, mas a minha irmã ela teve uma corrida cancelada porque ela estava trajada, que ela ia pro centro, ela estava trajada com roupa dela de Umbanda, e o motorista quando chegou, que visualizou, ele cancelou a corrida! | **Homem, preto, 48 anos, membro da Igreja Primitiva dos Continentes, eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

Vi uma situação no ônibus em que uma mulher de uma determinada igreja tratou de forma grosseira uma moça do Candomblé que estava vestida com suas roupas tradicionais. Quando a moça tentou sentar ao seu lado, a reação foi tão ríspida que chamou a atenção de todos, deixando a moça visivelmente constrangida. O desconforto foi tão grande que até o motorista pediu para a mulher descer do ônibus, e ela continuou gritando do lado de fora. Foi uma coisa constrangedora. A questão do olhar é realmente muito comum também. Tanto para pessoas do Candomblé quanto o oposto. Se chega uma pessoa pregando, as pessoas já começam... Nem prestam atenção, na verdade. Olha torto, ou vai pro celular. Como ela falou, aumenta o som, isso aí também eu já vi, e é uma falta de respeito. | **Mulher, preta, 30 anos, membro da Igreja Ministério Geração do Espírito Santo, eleitora de Lula, de Salvador.**

Na verdade, trabalhando de Uber já cansei de pegar gente com roupa de santo, com galinha, com isso e aquilo... Pra mim, é isso, eu vinha conversando... Uma vez tinha duas com as roupas grandonas, assim, eu fui conversando até lá... Ela decidiu aquilo ali, ela tá feliz? Amém! Eu respeito, eu respeito! Agora, a minha opinião, é minha! Ali da minha casa... Mas eu não vou ficar falando pra ela, assim: “tá, amarrado！”, não! | **Homem, pardo, 44 anos, membro da Igreja Universal do Reino de Deus, eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro.**

Embora um participante recorra ao termo “racismo religioso” para se referir à intolerância contra cultos afro-brasileiros, e outro mencione o Candomblé como herança cultural negra de sua família, não há, na média dos discursos coletados, uma tendência à racialização da intolerância religiosa. Por sua vez, o racismo, como forma de discriminação largamente conhecida e problematizada, aparece como sinônimo de discriminação, medida de juízo para a igualdade relativa a outros marcadores sociais da diferença: “achei um racismo, um preconceito”, expõe uma participante do grupo focal.

A relação entre o elemento racial e a intolerância religiosa é, portanto, que ambos ferem a igualdade universal dos indivíduos. Não à toa a palavra “pessoa” é tão acionada pelos participantes para designar praticantes de outras religiões; uma “pessoa muito boa”, uma “pessoa como qualquer outra”, isto é, evoca-se sua humanidade para advogar que ela seja “respeitada”. O respeito à pessoa humana per si é complementado pela noção de “livre arbítrio”, “escolha” religiosa “de cada um”, o que faz eco à noção amplamente difusa de liberdade religiosa como direito fundamental individual.

Além disso, a tolerância manifestada pelos participantes para com “católicos”, “espíritas”, “macumbeiros” também tem argumento na visão de mundo dos evangélicos e em suas experiências de vida. O crescimento evangélico expressa um movimento demográfico de conversão, constituído por indivíduos que romperam com suas tradições religiosas anteriores, ou com a ausência delas, para assumir uma identidade evangélica - muitos participantes relataram vínculos passados pessoais ou familiares com os cultos afro-brasileiros. Há nessa experiência de conversão a lição de que as pessoas podem mudar na “hora certa”, uma tolerância com “o tempo de cada um”. Semelhante tolerância - baseada na humanização do outro, na ideia de que Deus é “amor” e na possibilidade de conversão - se verifica entre evangélicos diante de outros “outros”, como pessoas do sistema carcerário e em situação de drogadição. A princípio, todo não cristão pode ser salvo e Deus ama o pecador, ainda que “odeie o pecado”. Segundo vários participantes, ser intolerante seria, aliás, contraproducente para evangelizar, pois afasta a quem se quer conquistar. Essa abordagem da diversidade se baseia em um sentimento de superioridade, mas difere, das posições supremacistas e odiosas encampadas por parcelas evangélicas, particularmente aquelas vinculadas à extrema-direita política, nos últimos anos, ou a algumas facções criminosas no Rio de Janeiro, como lembrado por um participante.

Por fim, a intolerância religiosa, ao contrário do racismo, não é classificada como crime nos discursos dos participantes. Assim como outras formas de discriminação e violência, o conflito religioso é processado em termos privados, como algo concernente ao desenvolvimento moral dos indivíduos, que devem “respeitar” o outro. Esse é o ponto-chave observado em todos os grupos focais: há uma crítica contundente à intolerância religiosa e uma recusa à ideia de que ela possa compor, como zelo missionário, a identidade evangélica, bem como uma ênfase no respeito pleno à diferença. Um dos depoimentos critica diretamente a “demonização” evangélica dos cultos afro-brasileiros e a define como “violência”. Considerando nossa formação social, justamente marcada por diversas formas violência, todas as expressões que a repudiam, con quanto precárias e parciais, devem ser valorizadas. Sobremaneira em um contexto de re-crudescimento do conflito intercultural e político ideológico. Também por isso é notável que os laços pessoais de amizade e experiências positivas de contato com adeptos de outras religiões tenham sido tão citados - um participante, após lembrar do amigo da “macumba”, aquiesceu: “Não é porque a pessoa é macumbeira que a pessoa não vai pro céu.”



3.
**Visões e
vivências
de racismo**

Fernanda Fonseca

O racismo é um problema estrutural profundamente enraizado na sociedade brasileira, que impacta as relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas do país. No contexto religioso, especialmente nas igrejas evangélicas, o debate sobre o racismo é urgente e de fundamental importância, uma vez que tal religiosidade desempenha um papel relevante na formação de valores e na construção de identidades culturais e sociais.

Sabemos que os evangélicos hoje, especialmente os pentecostais e neopentecostais, são um segmento composto por maioria feminina, negra e periférica. Ouvir e analisar suas falas foi essencial para compreender não só a presença do racismo no cotidiano dos fiéis e líderes, mas também como isso se reproduz dentro das igrejas e como lidam com o tema.

A pesquisa constatou que assim como qualquer outro cidadão brasileiro negro, os evangélicos negros também sofrem os impactos do racismo em seu cotidiano. Mas o mesmo não pode ser afirmado quando o ambiente avaliado é a igreja. No geral, os entrevistados afirmaram nunca terem vivido ou presenciado o racismo neste ambiente, o que nos faz querer compreender de maneira mais profunda o que explicaria essas falas.

Será que o ambiente religioso está imune ao racismo? Ou será que a falta de diálogo sobre o tema nas igrejas - dado que aparece na pesquisa - encobre possíveis reproduções do racismo estrutural neste lugar?

Questionados sobre o que era racismo, a maioria dos entrevistados respondeu que se trata de discriminação relacionada à cor da pele, traços físicos ou etnia, embora alguns também tenham apresentado outros tipos de preconceito como resposta para definição de racismo.

Relatos de experiências pessoais foram comuns ao longo de suas respostas, ilustrando como a discriminação se manifesta em seu cotidiano. Entre as experiências compartilhadas, destacam-se situações de constrangimento e violência policial, bem como situações de preconceito em ambientes comerciais e sociais. Descreveram momentos em que foram alvo de estígmas e estereótipos, um preconceito multifacetado que não se limita apenas à cor da pele, mas também à classe socioeconômica.

Dentro do contexto das igrejas, no entanto, as respostas foram quase unâimes ao afirmarem nunca terem presenciado e vivenciado racismo em suas comunidades religiosas. Acreditam que, se o racismo se manifestasse nesse espaço, não poderia ser considerado uma igreja verdadeira, uma vez que o amor e a aceitação são pilares fundamentais da fé cristã.

A temática racial não é amplamente debatida nas igrejas, assim como também não acontece na sociedade de modo geral. No entanto, líderes e fiéis concordaram que é importante que o tema seja abordado e aprofundado, já que é uma realidade social da qual eles próprios são vítimas.

Definição de racismo

Vivemos num país em que pessoas africanas foram escravizadas por mais de 300 anos e tudo o que aconteceu depois disso está fundamentado sobre estruturas que reforçam a ideia de superioridade de uma raça sobre a outra - brancos sobre negros.

O racismo é definido como estrutural e estruturante. É uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento. Além de ser institucionalizado, passa por relações sociais, jurídicas e econômicas que colocam o povo negro em uma posição de exclusão e invisibilidade, fundamentado nas ideias e práticas da escravização, que moldaram a sociedade brasileira e seu modo de organização.

A lógica de propriedade imputada aos negros no período da escravização ainda é percebida na sociedade em que vivemos, o que impacta na sua construção social, condição de vida, formação de sua consciência e suas subjetividades. Também reforçam o comportamento preconceituoso e discriminatório praticado por aqueles que acreditam ser superiores.

Como já dito, todos estes aspectos afetam profundamente as condições de vida e oportunidades de acesso a direitos da população negra, negando, inclusive, o direito de conhecerem suas raízes e sua história. Os brasileiros negros nascidos da miscigenação, resultante da violência contra as mulheres escravizadas, resistem e sobrevivem apesar dessa estrutura racista que os condiciona a condições de vida extremamente injusta e desigual. É como Angela Daves costuma dizer, “classe informa a raça, mas raça, também, informa a classe”. E, no Brasil, as classes têm cor!

Lamentavelmente, poucos foram os que apontaram para o fato de terem sido vítimas de um crime e terem denunciado seus algozes. No Brasil, há décadas, o racismo é crime, assim como a injúria racial, também presente em seus relatos.

Existe uma diferença entre preconceito e racismo. As pessoas misturam muito. Então o preconceito é aquilo que eu julgo sobre alguém que eu não sei o que é. E o racismo tem a ver com a pele, com o cabelo, da origem da pessoa, da nação, de onde ela veio, que são as características físicas. Então aqui a gente sabe que na Bahia... Na Bahia não. Em Salvador é onde tem a população negra. Está concentrada aqui. Então a gente sofre ainda com esses preconceitos, esse racismo, de uma pessoa tá correndo “ih, deve ser um ladrão, por ser negro” | **Mulher, preta, 55 anos, pastora, Igreja Missionária Belém, eleitora de Bolsonaro, Salvador**

"Racismo é intolerância também. A pessoa não gostar da outra. Não é só não gostar. Você pode não achar bonito. Você pode não, mas isso é o meu pensamento. Mas o pior é quando você acha que a outra pessoa é menos que você, porque ela é de outra cor. Porque é aí que prejudica a gente. Você não gostar de mim, não me achar bonito, tudo bem. Não tem problema, entende? Agora, você não me dá uma oportunidade de trabalho, acho que é aí que é ruim. Eu acho que o racismo aqui no Brasil pesa muito nisso, entendeu? É você desmerecer o negro. É o que mais nos atrapalha... Você pode fingir que você não é gay, mas não pode fingir que a gente não é preto. Eu acho que a cor ainda pesa em si. É o principal, eu acho" | **Mulher, preta, 46 anos, pastora, Igreja do Bom Samaritano, eleitora do Lula, São Paulo.**

É, você não aceitar a raça do outro. Você não respeitar o outro, você não ser tolerante, é você achar... E o racismo, às vezes, se coloca contra ela mesma. Ela se coloca... De tanto a sociedade imputar isso pra você, você se coloca racismo pra você mes-

ma. Então, assim, o lema é aceitar, é saber aceitar. O racismo é você não aceitar. Ou a outra cor, a raça da outra, a etnia da outra, independente de preto, branco, azul ou amarelo, ou você não se aceitar. Parte desses princípios, porque a sociedade te impõe que existiu um padrão, se você não se enquadra nesse padrão, você é colocada à parte. E assim vai pra cabeça de cada um. | **Homem, preto, 43 anos, pastor, Ministério Vida Plena, eleitor de Bolsonaro, Rio de Janeiro.**

Eu acho que o racismo não está só na cor. Está em você entrar em uma loja, se estiver mal vestido, você é discriminado. Por exemplo, entrar eu e você na loja, vão dar atenção a você, mas às vezes tenho até mais dinheiro do que você, mas sou discriminada porque estou mal vestida. O físico da pessoa vale muito hoje em dia. A gente não sofre só pela cor, sofre também pela forma de se vestir. Se tiver de calça, de salto, você é bem atendido. Mas se estiver com vestido, de sandália, você não é atendido. | **Mulher, parda, 30 anos, fiel/leiga, Igreja Tessalonicenses, eleitora de Bolsonaro, Salvador**

É como se fosse uma doença incurável. São três tipos de racismo, que é esse que nunca acaba. É a cor da pele, a condição financeira e a opção sexual. É como se fosse um câncer, aquele que não tivesse cura mais. | **Homem, preto, 45 anos, fiel/leigo, Igreja Ministério Embaixadores de Cristo, eleitor de Bolsonaro, Recife**

O racismo é quando a pessoa é discriminada por algo que ela seja. Ou seja, por ser negro ou por ser branco, que também hoje tem muito racismo. A gente fala que é o inverso do negro com o branco, ou por ser gordo, por ser homossexual, ou por ser evangélico. Quando isso acontece, você defende alguma causa ou você é, de alguma maneira, rico ou pobre, e a outra pessoa lhe julga por conta daquilo. Quando você diz aquilo, não por conta da pessoa que você é, mas sim pelo que você é. | **Homem, preto, 32 anos, fiel/leigo, Igreja Presbiteriana, eleitor de Bolsonaro, Recife**

Ao responder sobre o que acreditavam ser racismo, muitos ilustraram suas respostas contando relatos da própria vida, em situações em que foram vítimas.

Sou casada com um negro, negro mesmo, e quando meu filho era pequeno, uns 15 anos atrás, nós compramos um Honda Civic zero, e aí a gente morava num condomínio, quando nós saímos, já veio quatro carros de polícia: “desce! Desce!” O meu filho era muito pequeno, estava dormindo no banco de trás. E ele arrancou, nunca esqueço isso, ele arrancou, um pegou assim o meu filho, ficou segurando, e o outro já foi levantando o banco de trás, levantando o banco e perguntando pra ele aonde que estava a droga. Então, eu vivi isso aqui, não foi ninguém que me contou, eu vivi... Onde estava a droga, e eu gritava: “moço, aqui não tem droga nenhuma!” Já era cren-te, era da igreja... “Aqui não tem droga, não tem droga!”, eu gritava, e ele Dava tapa na cara dele: “cadê a droga? Cadê a droga? Não sei, o quê? Sabe! | **Mulher, 54 anos, fiel/leiga, Igreja Assembleia de Deus, eleitora de Lula, São Paulo**

Eu lembro que... Acontece, sempre aconteceu comigo. Eu ia nas lojas, principalmente as lojas de shopping, e tá aquele segurança lá atrás: "quer ajuda?" Aí eu "não, brigada". Mas a pessoa continua atrás. Eu fico sufocada, porque a impressão que me dá é que a qualquer momento parece que eu vou roubar alguma coisa. Porque você é chamada nem de negro, ignorante, porque tá tratando a pessoa mal, porque tá respondendo, né? Mas a maioria das vezes eu ignoro: "quando precisar, eu te chamo". Mas isso me deixa muito mal, sinceramente. Eu fico sufocada, porque eu não consigo nem olhar as coisas de direito. É o que eu falo sempre, da vontade de sair da loja, porque eu não consigo nem ver as coisas direito. Porque a impressão que dá, parece que eu vou roubar a qualquer momento, sabe? Então isso é horrível. Então, sim, já sofri. | **Mulher, preta, 35 anos, fiel/leiga, Igreja Batista Ciam, eleitora de Bolsonaro, Rio de Janeiro**

Eu sofri um racismo em Curitiba, lá no Paraná. Neste mês. Trabalhava numa empresa, uma empresa, uma multinacional, como segurança. E lá também fui chamado de macaco pelo cliente, né? A gente foi na décima e registrei a queixa e ela disse que tinha ameaçado ela. Puxou todas as imagens, viu que eu não tinha falado nada. Por eu ser preto, sou negão mesmo. O advogado dela queria que eu pagasse ainda dois mil reais pra ela. Eu estou com esse processo aqui em Salvador. Falei que não ia pagar. Estou respondendo esse processo no fórum do Sul. | **Homem, preto, 40 anos, líder (obreiro), Igreja Batista do Povo, eleitor de Lula, Salvador**

Racismo na Igreja

Relatos pessoais de racismo foram recorrentes e ilustraram como a discriminação se manifesta de maneiras diversas em seus cotidianos, desde constrangimento à violência policial e preconceito em diferentes situações. Experiências trazem à tona os desafios que os entrevistados enfrentam por serem negros. Entretanto, no que diz respeito ao ambiente das igrejas, a maioria dos entrevistados foram enfáticos ao afirmar que nunca viram ou experimentaram qualquer ato racista. Acreditam que, se houvesse discriminação nesse local, isso caracterizaria uma falha profunda na missão de acolhimento e fraternidade cristã, já que a aceitação é vista como um valor essencial da fé.

Quanto à abordagem da problemática racial, a maioria também afirmou ainda ser pouco ou quase nunca tratada nas programações, sermões ou estudos realizados nas igrejas. Apesar dessa lacuna, tanto líderes quanto fiéis expressaram o desejo de que o racismo seja discutido abertamente em seus encontros, reconhecendo a importância de educar a comunidade e de a igreja ser um lugar de reflexão sobre as questões sociais.

"Não! Nunca fui vítima de racismo na igreja. Nunca presenciei nenhum caso!".
| **Diversos**

Mas se a discriminação existir dentro da igreja, não é igreja. Ainda mais se partir do pastor, não é igreja. Racismo é racismo! Dentro da igreja não pode existir! Já que o

Cristo não praticou racismo. | **Homem, pardo, 32 anos, fiel/leigo, Igreja Assembleia de Deus, eleitor de Bolsonaro, Salvador**

Os fiéis demonstraram interesse em falar sobre o assunto e as lideranças não demonstraram qualquer resistência a respeito.

É importante a gente tratar, porque é um tema, né? Porque, vira e volta, tá sempre aí na sociedade, nós não fugimos dos problemas sociais. Então, na igreja, a gente tem que tratar de tudo. Então, é sempre, eu tenho uma parte, que eu mesmo me proponho a colocar pra igreja, sobre essa parte de não fazer acepção de pessoas pelo fato de elas serem gordas, magras, altas, baixas, pretas, brancas, cabelos e tal, porque diz que nós somos um diante de Deus. Nós somos um em Cristo, não há grego, não há troiano, não há judeu, nem homem, nem mulher. Nós somos um. Então, essa questão, ah, porque é mulher, ele é homem, ele tem que ser o máximo da igreja e a mulher tem que ser menos e não existe isso, isso é discriminação. Então a gente trata assim, principalmente pra educar os nossos filhos, nos ambientes onde estiverem, pra não discriminarem ninguém pela cor, pelo cabelo, enfim. Na igreja, a gente não tem isso. | **Mulher, preta, 55 anos, pastora, Igreja Missionária Belém, eleitora de Bolsonaro, Salvador**

Então, eu falei sobre o racismo também na igreja também, porque dentro da igreja também tem aquelas panelinhas, né? Desculpe, mas é sincero. Você vê que senta um grupinho aqui, senta um grupinho aqui, você está no altar, você se sente até mal com essa situação. | **Homem, preto, 47 anos, bispo, Igreja Assembleia de Deus Palavra que Cura, eleitor de Bolsonaro, Salvador**

Foi um trabalho de universidade também, alguns jovens fizeram um trabalho de pesquisa e foi levantado entre grupos de jovens sobre o assunto, sobre preconceito, sobre o que sofriam. e então, nós abrimos um espaço onde teve esse debate; foi bem legal. Foi bom. Participaram, foi especificamente para os jovens, né? Essa programação foi muito especial. E uma abordagem mesmo sobre a questão do preconceito na universidade. | **Homem, preto, 43 anos, pastor, Igreja Batista, eleitor de Bolsonaro, São Paulo**

Assim, como eu prego, a gente tem que estar atento a tudo que acontece. A Bíblia é um livro que tem uma informação tremenda, temos que aproveitar as oportunidades e inserir conhecimento para quem está escutando. O que está em evidência, em alguns momentos, a mensagem vai surgindo. Vou trazer um exemplo, como a gente prega sobre Samuel e a escolha do rei. Se eu não vejo como o homem vê, porque o homem vê a aparência, vejo o coração, a gente aproveita para estar inserindo esse contexto da rejeição pela aparência, pelo poder aquisitivo. A Igreja precisa ensinar aos cristãos. A gente prega uma pátria celestial, o reino dos céus, mas vivemos aqui na Terra. Precisamos trazer a mensagem e o que tem sido abordado. Comentamos o que está acontecendo. Porque às vezes a pregação vai ter uma questão. Quan-

do é doutrinário, você tem uma escola bíblica que discute a questão de opinar, de trazer a sua linha de raciocínio, com toda certeza traz assuntos sociais e culturais. É necessário a igreja pregar contra o racismo, contra a homofobia. Eu volto a dizer, não a questão homofóbica como aceitação, mas pregar contra a homofobia. Então, eu costumo pregar, e as pessoas que têm esse poder de fala também. Também falo muito em desconstruir falas. Porque viemos de uma cultura, de um tempo em que fazia gozação com tudo. Hoje não pode falar tudo, né? Eu sempre trago algumas coisas que ouço que a pessoa foi infeliz na fala para poder desconstruir. Sempre tenho abordado, coisa que não podemos falar mais, como denegrir, a coisa tá preta, essas falas tem que ser desconstruídas com o tempo, e se a igreja não tiver esse ensinamento, fica meio complicado. | **Mulher, preta, 49 anos, fiél/leiga, Igreja Pentecostal Primitiva Atos dos Apóstolos, eleitora de Lula, São Paulo**

Pastores Negros

Ao serem questionados se conheciam muitos ou poucos pastores/líderes negros, a maioria respondeu conhecer muitos. Resultado que reforça a afirmação de que além da igreja ser um lugar quase imune ao racismo, também é o local onde negros/as periféricos/as ocupam posições de poder e influência. Posições estas que, fora do universo eclesiástico dificilmente, são acessíveis.

A igreja evangélica no Brasil é, em sua maioria, composta por pessoas negras, como já dissemos. Especialmente nas vertentes pentecostais e neopentecostais, das periferias urbanas e nas comunidades de baixa renda, tem-se uma representação significativa dessas pessoas. Predominância que reflete a própria composição da sociedade brasileira, na qual mais de 54% da população se identifica como negra (preta ou parda), segundo dados do IBGE (2021), e se concentra na base da pirâmide social.

O ambiente religioso funciona como um espaço de acolhimento e protagonismo, tanto para os fiéis quanto para os líderes. Contribui para o reconhecimento e fortalecimento de suas identidades, tornando-se um dos principais espaços de pertencimento para muitos dos negros brasileiros.

Conheço muitos pastores negros e, na nossa congregação, de sete pastores, quatro são negros. E isso eu estou falando pastores, porque aí se for colocar entre obreiros, negros, assim, aí pode colocar em um negócio aumenta. | **Homem, pardo, 48 anos, pastor, Igreja Comunidade Unção e Graça, eleitor de Bolsonaro, São Paulo**

Principalmente as igrejas neopentecostais, elas dão muita oportunidade. Principalmente porque a igreja evangélica vem de dentro da favela. O local onde deu aquele boom de igrejas neopentecostais foi realmente dentro das comunidades, onde realmente aquele indivíduo é o preto, é o favelado, muita mulher hoje como pastora, como liderança. Então, assim, acaba sendo a vitrine para a comunidade.

Ele é o pastor, ele é preto, mas ele é advogado, mas é o pastor. Então gera também o querer daquele cidadão ali de ter um pertencimento, uma identificação com esses religiosos. | **Homem, pardo, 49 anos, pastor, Igreja Metodista na Fé, eleitor de Bolsonaro, Rio de Janeiro**

Muitos, mas eu acho que depende do segmento, né? É aquilo que a gente tá falando, né? Depende do segmento. Às vezes a gente tem igrejas muito mais voltadas para periferias ou para comunidades. Essas igrejas, óbvio, que vão ter mais negros por uma questão sociológica. Só que eu já frequentei outras igrejas fora dessas situações, tal, que só tinham pastores negros, brancos. Porque é uma questão sociológica, é uma questão social também. | **Homem, preto, 46 anos, fiel/leigo, Igreja Nova Vida, eleitor de Lula, Rio de Janeiro**

Posição sobre cotas

A política de cota racial é uma medida de ação afirmativa voltada especificamente para combater as desigualdades raciais. Visa corrigir os efeitos de séculos de escravidão e exclusão social, promovendo maior acesso a oportunidades educacionais, trabalhistas e de participação política para negros e indígenas.

A implementação da política de cota racial se consolidou no ensino superior com a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), que reserva vagas em universidades e institutos federais para estudantes negros, pardos e indígenas de escolas públicas, conforme a proporção populacional em cada estado. A medida permite que pessoas historicamente excluídas de ambientes acadêmicos possam acessar instituições públicas de ensino superior e ocupar cargos em concursos públicos.

Apesar de a política de cota racial ter demonstrado impactos positivos, ela continua sendo um tema polêmico, inclusive entre os evangélicos. Em alguns casos, a falta de entendimento profundo, qualificado, sobre o propósito e a necessidade das cotas gera sentimento de inferioridade e repulsa, levando algumas pessoas a defenderem exclusivamente a condição socioeconômica, e não a raça, enquanto critério de concessão de cotas.

Dentre os fiéis/leigos, tivemos:

- 19 entrevistados favoráveis, sendo 10 eleitores de Bolsonaro e 9 eleitores de Lula. Os que declararam ser contrários somam 10 entrevistados, sendo 8 eleitores de Bolsonaro e 2 de Lula. Indiferentes ou não opinaram, foram 5 eleitores de Bolsonaro.

Já entre os líderes:

- 10 foram favoráveis às cotas, sendo 5 eleitores de Lula e 5 de Bolsonaro. Dentre os contrários, foram 13, sendo 9 eleitores de Bolsonaro e 4 de Lula. Indiferentes ou não opinaram, somaram 20 pessoas, sendo 14 eleitores de Bolsonaro e 6 de Lula.

No cômputo geral, tivemos 32 pessoas favoráveis à política de cotas; 23 contrários; e 25 indiferentes ou não opinaram. Apesar do número de entrevistados favoráveis ser maior do que aqueles que votaram contra a política de cotas, a maioria demonstrou fragilidade na defesa ou aceitação da política.

Eu sou a favor. Eu vejo como uma reparação mesmo. Eu fui uma das primeiras pessoas na minha casa que pôde ter acesso à educação superior e foi através de cotas. A gente não tinha condição de pagar o pré-vestibular e na minha época eu esperei 10 anos para conseguir ingressar na faculdade e foi através da cota. Depois que eu formei no ensino médio, eu tive logo assim que trabalhar, 16 anos eu já trabalhava, não vejo como uma diminuição, mas é perda de oportunidade. E depois que vem a cota, o incentivo, o leque se abre e a gente tem realmente acesso e pode disputar, eu não posso dizer igualmente, mas aí já tem um lampejo de como seria essa tão falada igualdade. | **Mulher, parda, 38 anos, fiél/leiga, Igreja Nova Galileia, eleitora de Lula, Recife**

Sou mais a favor do que contra. Desde que o mundo é mundo, a universidade pública deveria ser pública, pro pobre, e lá a gente tem o filho de papai, todo mundo sabe que é assim. Então, definir uma lei que libere uma cota para um concurso público, para uma universidade, chega a ser ridículo para o nosso país, porque a pessoa, ela tem que, entre aspas, se favorecer do tom da pele dela, ou se declarar da pele dela, sabe? Não deveria ser assim. Se você for ver a questão de médicos mesmo. Por que ter o programa mais médicos? Trazer de fora do país? Sendo que tem tanta gente que pode estudar, brasileiro, gente humilde, para se formar um médico, e trabalhar aqui... É preciso de uma cota racial. E isso é para o concurso público, né. Então, eu sou a favor, mais a favor do que contra, mas também sou contra a isso daí. | **Homem, pardo, 43 anos, pastor, Igreja Fogo Pentecostal, eleitor de Bolsonaro, São Paulo**

Sou a favor. Ponto. | **Homem, preto, 40 anos, pastor, Igreja Comunidade Vidas no Altar, eleitor de Bolsonaro, São Paulo**

É um meio de compensação. Não deveria, mas eu sou a favor. Acho que é importante, acho que ajudou bastante gente a chegar, né? A faculdade antes era muito mais para o branco, acho que ajudou. Pode ser que depois, mais para frente, tire, porque já está melhorando bastante, né? A gente já está conseguindo se enxergar mais, né? Com outras profissões. Então, pode ser que depois tire, mas foi importante quando começou. Foi um movimento muito importante, muito legal, muito polêmico, mas muito importante. | **Mulher, preta, 46 anos, pastora, Igreja do bom Samaritano, eleitora de Lula, São Paulo**

Sou super a favor. É uma reparação e a gente tá percebendo que está mudando bastante e essa fiscalização está acontecendo. Não atoa que um rapaz de Engaralhão, isso aqui em Pernambuco, ele teve que ser expulso do concurso, porque ele colocou que era negro e não era, na verdade. Então, essa investigação está a acontecer

sim e eu sou super a favor. Independente da quantidade. Isso é a favor de reparar com a comunidade negra. | **Homem, pardo, 40 anos, fiel/leigo, Igreja Batista, eleitor de Bolsonaro, Recife**

Bom, eu acho o seguinte, que eu vou fazer 30 anos que eu entrei na faculdade, e toda a minha vida eu estudei na escola pública. E eu sempre fui a maior aluna, de todos, de tudo, tudo na minha vida, até a faculdade, uma pós-graduação, tudo mais. E a dificuldade que eu tive pra entrar na época, era porque nós temos a escola particular, que o ensino é avançado, e a escola pública tem o ensino, sempre teve, o ensino defasado. E sempre que eu tentava a vaga, eu não entrava porque não tinha vaga. Então aquela vaga, ela era ocupada por aqueles alunos que tiravam 10, enfim. Então assim, era desgastante pra gente, porque na época não tinha faculdade. Muitas nós tínhamos aqui a Católica e a Federal. E toda a concorrência é pra elas. A gente passava um ano, esperava mais um ano, estudava tudo de novo, o vestibular. E até que um dia eu consegui entrar. E depois veio essa ideia da cota. Mas o que a gente tem de cota, que é uma emergência, uma ação afirmativa para a emergência. Então existe um problema maior no nosso Brasil, que é a educação. Então pra evitar o problema da educação, o governo trouxe a cota para que essas pessoas que têm condições de entrar, mas não entram porque não conseguem atingir a pontuação máxima, trouxe a cota. A cota não está totalmente ligada para a racial, que é o indígena, o negro, mas também para as pessoas deficientes, que também precisam dessa oportunidade. E a ideia que se teve da cota, que eu tinha um professor na faculdade, o nome dele é xxx, hoje ele é falecido, sociólogo. Eu aprendi muito com ele, falando sobre esse assunto. E ele disse que a primeira pesquisa que foi feita, que os alunos que entraram pela cota, eles se tornaram até mais inteligentes na faculdade, porque tiraram mais notas e tudo mais. E que a cota veio não pra ser uma coisa pra ser emergência, já era pra ter acabado. Por quê? Porque o nosso Governo não trabalha na fonte, que é a educação. Então, nós temos essa dificuldade hoje e essa cota fica e causa um problema para aqueles que também estão estudando, que não são negros, não são índios, não são deficientes e fica também prejudicado porque abre uma seção para a cota e eles também ficam concorrendo com a maioria, porque eu posso entrar pela cota porque eu sou negro e ser negro entra pela cota. Aí vamos supor que é deficiente, ele pode entrar pelos dois e aquele outro que é branco, que não faz parte, não é nem deficiente, nem negro, não participa. Então, ele fica na desvantagem. Entendo, eu acho que existe aí um problema em sério.

| **Mulher, preta, 55 anos, pastora, Igreja Missionária Belém, eleitora de Bolsonaro, Salvador**

Presença Negra na Bíblia

Os textos bíblicos mencionam personagens negras, principalmente nos contextos do Antigo Testamento, no qual encontramos referências a etíopes, egípcios e outros povos africanos. Essas menções são indícios de que a diversidade étnica era uma realidade nos tempos bíblicos. Também ilustram que a presença de pessoas negras foi significativa na história e cultura do povo de Israel e das nações vizinhas.

A Bíblia fala de Cuxe – região que hoje corresponde ao Sudão e partes da Etiópia –, descrito como o filho de Cam (Gênesis 10:6-7) e também uma mulher cuxita, apresentada como esposa de Moisés (Números 12:1), o que indica relacionamento próximo entre os israelitas e os povos africanos. Ainda cita a famosa rainha de Sabá, que visitou o rei Salomão para conhecer sua sabedoria (1 Reis 10 e II Crônicas 9). Embora seu local exato de origem seja questionado, muitos acreditam que ela era de uma região ao sul da Arábia ou do nordeste da África. Sua história é valorizada na cultura etíope.

Também encontramos Ebed-Meleque, personagem etíope que foi oficial na corte do rei Zedequias de Judá, mencionado no livro de Jeremias 38:7-13. O etíope Filipe, um eunuco que trabalhava como oficial da rainha da Etiópia (Atos 8:26-40) e Simão de Cirene, uma cidade localizada no norte da África, que foi quem carregou a cruz de Jesus (Mateus 27:32; Marcos 15:21; Lucas 23:26), são exemplos de personagens africanos no Novo Testamento. O texto não menciona diretamente a cor de sua pele, mas sua origem indica que poderia ser um negro. Todas essas referências demonstram a presença de diversos povos de origem africana.

Ao serem questionados sobre a existência de negros na Bíblia, a maioria dos entrevistados afirmou conhecer os personagens negros e citaram seus nomes, origem e etnia.

Cuxe, a matriarca. Por exemplo, vários estudos bíblicos. Os cuxitas. | **Homem, pardo, 43 anos, pastor, Igreja Fogo Pentecostal, eleitor de Bolsonaro, São Paulo**

Simão Cirineu, sim, a carregar a cruz. Ele era um homem negro. | **Homem, preto, 40 anos, pastor, Igreja Comunidade Vidas no Altar, eleitor de Bolsonaro, São Paulo**

A rainha de Sabá. E há quem cogite ser o próprio faraó, né? | **Homem, pardo, 48 anos, pastor, Igreja Comunidade Unção e Graça, eleitor de Bolsonaro, São Paulo**

Felipe, que evangelizou. Igreja de Antioquia também, né? | **Homem, preto, 43 anos, pastor, Igreja Batista, eleitor de Bolsonaro, São Paulo**

Sim. O etiope, em Atos dos Apóstolos. Eunuco de Candace, ele era negro. | **Homem, preto, 38 anos, pastor, Igreja Batista Renovada, eleitor de Bolsonaro, Rio de Janeiro**

O Cireneu, que levou a cruz de Jesus, dizem que era escurinho. | **Mulher, preta, 54 anos, fiel/leiga, Igreja Rios de Água Viva, eleitora de Bolsonaro, Salvador**

O Cireneu, de fato, era africano. É porque as pessoas têm a visão, e isso quem traz na verdade, é essa colonização do Catolicismo. Traz a visão dos santos antigos da Bíblia, né? Sempre aquela imagem de Jesus, branquinho, de olho azul e tal. Mas, puxando de fato dentro da História, nunca foi assim. Inclusive, quando a gente vai buscar, de fato, dentro da História, a pele de Jesus era escura. Não é esse Jesus que o Catolicismo nos apresenta, não são aqueles atores que fazem a Paixão de Cristo,

não tem nada a ver com isso, galã. O próprio Isaías diz que ele era sem formosura, ninguém olhava pra ele. Quando a gente estuda mais a Palavra de Deus, vai na História, percebe que tinham muitos negros. | **Homem, pardo, 32 anos, fiel/leigo, igreja Assembleia de Deus, eleitor de Bolsonaro, Salvador**

Com certeza tem. Mas, infelizmente, desde quando a gente se conhece como gente, a gente só vê nas histórias, nos livros, nas fotos, em quadros, é só branco. É só branco. Aí todo mundo ficou com a imagem “pô, não teve na época de Jesus Cristo e Deus não teve negros?” Com certeza! Pra mim, com certeza teve negros. Mas, infelizmente, não colocaram. | **Homem, preto, 42 anos, fiel/leigo, Igreja Batista Bento Ribeiro, eleitor de Lula, Rio de Janeiro**

Escrito, explícito, não tem. Mas, se a pessoa buscar entender que naquela área que eles viveram, naquela época, naquela localidade, não tem como ser pessoas brancas. Entendeu? | **Mulher, preta, 36 anos, fiel/leiga, Igreja Batista Wesleiana, eleitora de Lula, Rio de Janeiro**

Na Bíblia não está escrito, mas, pela região geográfica, com certeza tinha. – homem, preto, 48 anos, fiel/leigo, Igreja Primitiva dos Continentes. | **IPC Realengo, eleitor de Bolsonaro, Rio de Janeiro**

O próprio Jesus, a gente tem que lembrar, ele é pardo a preto, porque da região onde ele nasceu, era muito sol, mistura também dos pais. Egípcio também... | **Homem, pardo, 49 anos, pastor, Igreja Metodista na Fé, eleitor de Bolsonaro, Rio de Janeiro**

Qual é a cor de Jesus?, ou, Jesus é Negro?

A defesa de que Jesus teria sido um homem negro ou que ele tinha características afrodescendentes é fundamentada em informações históricas, geográficas, culturais e sociais de sua época. Ele nasceu e viveu na Judéia, uma região do Oriente Médio, portanto, provavelmente teria características físicas comuns entre os povos semitas da época, que inclui pele mais escura, cabelo enrolado e traços típicos da região. Esses aspectos corroboram para a compreensão de que as representações eurocêntricas de Jesus não são historicamente precisas. A imagem do Cristo como um homem branco e europeu também é um reflexo de estruturas de poder que excluíram e marginalizaram outras identidades. Essa representação serve para reforçar normas sociais que favorecem grupos dominantes, e, ao mesmo tempo, invisibiliza a diversidade étnica e cultural presente nos tempos bíblicos. Apesar de admitirem a negritude de Jesus, argumentando que a origem e a localização geográfica em que vivia são elementos que dão indícios de que ele não deveria ser branco, a maioria dos entrevistados também pareceu não levar tanto em consideração a importância dessa informação porque, na concepção deles, a cor da pele de Jesus não faz diferença para quem professa a fé evangélica.

De pardo a preto. | **Homem, preto, 48 anos, pastor, Igreja Evangélica Congregacional de Areia Branca, eleitor de Lula, Rio de Janeiro**

Pela região que ele nasceu não dava pra ser de cor, de pele clara. Pela região. De pardo pra escuro. | **Homem, preto, 38 anos, pastor, Igreja Batista Renovada, eleitor de Bolsonaro, Rio de Janeiro**

Eu não classifico Jesus com cor, porque ele veio aqui em forma humana por um propósito, mas pra mim não passa de um espírito. | **Mulher, parda, 35 anos, missionária/líder do louvor, Igreja Missão Evangélica do Brasil, Recife**

Pra mim não importa, nunca pensei em cor. A gente trabalha com criança, lógico que a gente bota cor da pele, claro. Eu nunca fiz um Jesus de cor escura, a gente bota claro, mas tu não quer dizer que ele é branco. Até porque a gente apresenta Jesus em espírito, né? A gente não apresenta em pessoa. Então, a gente não se importa muito com isso. | **Mulher, preta, 45 anos, dirigente, Igreja Assembleia de Deus, eleitora de Bolsonaro, Recife**

Jesus, Jerusalém é um país da Ásia, né? Então, você é país da Ásia, então, assim, provavelmente, não era branco, mas assim, a cor dele era a cor da origem dos asiáticos, daquela época, né? Judeus, né? Você sabe que os judeus são tudo escuros, né? | **Homem, preto, 38 anos, pastor, Igreja Ministério da Missão, eleitor de Bolsonaro, Recife**

É, mas assim, digamos que ele fosse um bronzeado. Eu não posso dizer que Jesus era negro, ou branco, ou galego, não tem como. Só a gente pegar a lógica da região. Não tem como. | **Homem, pardo, 39 anos, pastor, Igreja Oásis, eleitor de Bolsonaro, Recife**

Mas eu acho que ele era pardo. Ele não era branco, de olho azul, igual o povo pinta, não. | **Mulher, parda, 40 anos, fiel/leiga, Igreja Presbiteriana, eleitora de Lula, São Paulo**

Se for pegar, cientificamente falando, ele era de pardo pra negro. Mas ele poderia ser de qualquer cor, porque se Deus colocou ele lá, ele podia colocar um branco, um olho azul lá pra falar: "ah, como é diferente esse rapazinho?" Mas como na Bíblia não diz nada sobre isso, porque isso é uma questão muito diferente, etnicamente falando, acho que era pardo. | **Homem, preto, 31 anos, fiel/leigo, Igreja Universal do Reino de Deus, eleitor de Bolsonaro, São Paulo**

Que ele tem uns traços de um judeu. Que igual falar que ele é branquinho, que ele tem narizinho fino, não tem. Ele tem aqueles tipo, tinha, né, aqueles nariz grande, a pele é dita parda, porque era escuro, porque naquela época eles andam, era muito sol, o sol era escaldante, então não tinha como ela ser clara. E os seus cabelos eram escuros e os seus olhos também eram escuros. | **Mulher, parda 46 anos, fiel/leiga, Igreja do Evangelho Quadrangular, eleitora de Bolsonaro, São Paulo**

Não tenho. Pra mim Jesus não tem cor. – homem, preto, 48 anos, fiel/leigo, Igreja Primitiva dos Continentes. | **IPC Realengo, eleitor de Bolsonaro, Rio de Janeiro**

A mesma coisa que ele. Não importa! Se ele for branco, vão pintar, ou como a gente procura saber pela região, é Jesus. | **Mulher, preta, 36 anos, fiel/leiga, Igreja Batista Wesleiana, eleitora de Lula, Rio de Janeiro**

Na época, quando ele era humano, pra mim, ele era moreno. Eu imagino que ele fosse da cor dela, mas ele não tinha cor. Pra mim, fosse mais ou menos fechadinho na cor como a dela. Mas, hoje, pra mim, não tem cor. Mas, na época, ele era humano, pra mim, fechadinho na cor, devido ao sol. Eu imagino ele assim. Moreninho, não louro. Louro é quando eu era católica, criança da Igreja Católica. Aí eu via ele com o cabelo liso, com os olhos azuis, né? Na casa, até tinha uma foto dele lá, minha mãe. Mas, eu imagino hoje, ele assim. | **Mulher, preta, 59 anos, fiel/leiga, Igreja Assembleia de Deus Missões Ministério da Palavra, eleitora de Bolsonaro, Rio de Janeiro**

Visão sobre ancestralidade

Quanto à ancestralidade e a abordagem bíblica a respeito do tema, as respostas apresentadas pelos entrevistados revelam que não fizeram, até aquele momento, qualquer conexão com a genealogia de Jesus, apresentada principalmente nos Evangelhos de Mateus 1: 1-9 e Lucas 3:23-38.

A genealogia é um aspecto significativo na tradição cristã, pois conecta Jesus às promessas e à história do povo de Israel, ressaltando sua ancestralidade. Tratar a genealogia relatada no texto bíblico como ancestralidade abre uma imensa possibilidade para aplicação de estudos e sermões utilizando referências que falam não só da ancestralidade do Cristo, mas também de outras personagens. Um argumento certamente capaz de fomentar a reflexão acerca da importância do estudo do tema, inclusive no que diz respeito ao resgate histórico da origem dos brasileiros afrodescendentes.

A ancestralidade dele está em Deus, porque a Bíblia diz que no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. A ancestralidade dele veio de lá. | **Mulher, parda, 54 anos, pastora, Igreja do Evangelho Quadrangular, eleitora de Lula, Recife**

Quando fala a respeito da genealogia, ali é colocado a respeito do projeto de Deus por olhar a humanidade desde o princípio. E Jesus ele é mencionado e no meio disso a gente percebe assim que tem pessoas que foram colocadas na genealogia, mesmo sem antes poder estar, como era no caso de Ruth, uma Noemí, uma Moabi-

ta. Então, quando menciona em Lucas, capítulo 3, a respeito da genealogia, é uma maneira de Deus deixar claro para a humanidade que desde o princípio, mesmo sabendo que o ser humano ele cairia, já havia em Deus o propósito do resgate por meio da vinda do seu Filho Jesus para resgatar a humanidade. Foi nesse propósito. Eu nem diria talvez o plano B, que a gente tem aquela coisa de dizer assim: "não deu certo, tenho plano B." Mas é por conhecer a natureza humana, o jeito que o ser humano age, Deus ele sabendo absolutamente tudo, que a gente às vezes erra quando a gente fala, por exemplo, assim: "ah, Deus ele te provou isso para poder saber se você ia". Deus não precisa saber de nada, Deus ele sabe de absolutamente tudo, mas ele faz a gente se conhecer melhor. Então, é a gente que termina se conhecendo: "ah, eu nem imaginei que eu poderia ser assim ou fazer assado". Então, Deus ele sabendo, na onisciência dele, sabendo de absolutamente tudo, ele prova através da genealogia que é descrita em Lucas, capítulo 3, justamente, desde o princípio eu falei dele e ele está aparecendo aqui agora. | **Homem, pardo, 48 anos, pastor, Igreja Comunidade Ação e Graça, eleitor de Bolsonaro, São Paulo**

Muito pouco se fala sobre isso. Sobre a ancestralidade genealógica. Só aquela da Bíblia mesmo. Da sua genealogia. Não tem uma genealogia concreta de pai e mãe. Porque a gente sabe que Jesus é nascido de uma virgem, né? Então, nós temos a genealogia de Maria. Cristo foi gerado pelo Espírito Santo. Então, se a gente for buscar quem Jesus envolve, não tem. A genealogia é de Maria. Sabemos que Jesus é descendente de Davi por causa de Maria. Mas Jesus é gerado pelo Espírito Santo. Nós só temos Jesus ali e pronto. Agora, se puxar de Maria, nós temos. Como tem de José, mas José não era pai de Jesus. | **Homem, pardo, 32 anos, leigo, Igreja Assembleia de Deus, eleitor de Bolsonaro, Salvador**

Sabemos que o racismo estrutural se refere à forma como práticas, normas e instituições estão organizadas para perpetuar a discriminação e a exclusão das pessoas negras. Mas muitos ainda desconhecem o que realmente significa e quais os seus impactos, o que contribui para a negação de sua existência ou para a confusão com outras formas de preconceito e discriminação.

O racismo não se limita a atos isolados de discriminação, mas está embutido nas relações sociais, nas políticas públicas, na economia e na cultura do país. Por isso se torna uma questão sistêmica, invisível em muitos casos, tornando-se um desafio a ser enfrentado coletivamente.

A desinformação sobre o que o racismo estrutural de fato é faz com que negros evangélicos também não reconheçam o racismo como presente em suas estruturas de organização, em seu ambiente de culto ou nas relações eclesiásticas e com outros membros. Sem a compreensão adequada do conceito, fica difícil mobilizar ações efetivas que visem a conscientização e promoção da igualdade racial.

Propor o estudo do tema nestes ambientes; o aprofundando do debate, uma reflexão mais qualificada sobre o assunto proporcionará a esses sujeitos conhecimento suficiente para que consigam apontar as manifestações do racismo estrutural em suas igrejas que até então não havia sido identificadas. Ou, ao contrário, o que é pouco provável, reforce a ideia de que nos ambientes evangélicos o racismo de fato não é uma realidade.

O ambiente acolhedor e tolerante fomentado nas igrejas aumenta as chances de sucesso na inserção do tema e favorece o debate com um trato mais receptivo e um olhar mais atencioso para a problemática, especialmente porque o público e as vítimas configuram a maior parte do corpo de membros da comunidade: negros/as periféricos/as!



4.
**Política e
Religião**

Rennan Pimentel

A relação entre religião e política no Brasil, especialmente no contexto evangélico, é marcada por discussões intensas sobre o papel que líderes religiosos devem desempenhar na orientação política de seus fiéis. Este bloco apresenta uma análise das visões de líderes e leigos sobre a escolha dos candidatos, a postura de pastores ao falar de política durante os cultos, e a adequação do envolvimento pastoral em campanhas eleitorais. As respostas fornecidas revelam divergências sobre o papel dos pastores na orientação política. De um lado, uma parcela dos líderes defendem o direito e a responsabilidade de orientar sobre política, considerando que os princípios bíblicos devem guiar o voto, enquanto leigos repulsam de forma unânime. Por outro lado, há uma preocupação de todos os leigos e da outra parcela das lideranças com a politização excessiva da fé e o risco de instrumentalizar a igreja para fins eleitorais. Assim, a análise a seguir explora essa complexidade e as implicações para a comunidade evangélica e o debate político mais amplo.

Para tal resultado, as visões de líderes e leigos sobre a política e religião foram abordadas a partir de três perguntas centrais: 1) Crente deve votar em crente? 2) É falado sobre política na igreja? 3) É indicado voto em um candidato específico?

Crente deve votar em crente?

A opinião de que evangélicos deveriam votar em candidatos também evangélicos foi unanimemente rejeitada por todos os entrevistados, tanto lideranças quanto leigos, que consideram que a fé do candidato não deve ser o único ou principal critério. Em vez disso, valorizam propostas que favoreçam a sociedade de forma ampla, independentemente da filiação religiosa do candidato. Em todos os grupos, a resposta foi pragmática: Não! Contudo, principalmente em Salvador e Rio de Janeiro, alguns líderes enfatizaram a importância de selecionar candidatos que defendam os valores cristãos e que se opõem a pautas contrárias às suas crenças.

Independente de ser crente, você é cidadão. Existe uma política do “crente vota em crente”, “ah, só porque é pastor, então eu sou obrigado a votar nele”. Então, na minha igreja, eu oriento: “você tem que ver se essa pessoa tem projeto.” São essas pessoas que vão criar projetos de leis que, muitas vezes, são leis que vão para ou contra o povo evangélico. | **Homem, pardo, liderança (pastor), Igreja Marca da Promessa (denominacional), eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro**

Vota em quem quiser. Você vê a plataforma do candidato, vê qual é a proposta dele e vota. | **Homem, preto, liderança (missionário), Igreja Frutos Eternos (não denominacional), eleitor de Lula, de Salvador**

Tem que votar em quem vai fazer pelo Brasil. | **Mulher, preta, leiga, Assembleia de Deus (denominacional), eleitora de Lula, de São Paulo**

Não necessariamente, mas em crente honesto. Tem crente que diz que é crente, mas é pior do que um ímpio. Tem que ver a história do camarada. Tem que ver o projeto dele. | **Mulher, preta, leiga, Igreja Rios de Água Viva (não denominacional), eleitora de Bolsonaro, de Salvador**

Embora exista consenso sobre a ausência de necessidade de que evangélicos votem exclusivamente em candidatos evangélicos, ao aprofundarmos as perguntas e questionarmos se líderes religiosos deveriam discutir política nas igrejas, surgiram divergências importantes, especialmente em relação ao voto em candidatos evangélicos.

É falado sobre política na igreja?

A opinião sobre o papel dos pastores em relação à política é dividida. A maioria dos leigos (85%) acredita que o púlpito deve se restringir à pregação religiosa, mantendo-se neutro quanto à política. A posição é que a igreja não deve se tornar um “palanque político”, evitando divisões internas e a possível manipulação dos fiéis.

Vou pegar como exemplo a minha igreja. O pastor não comentou sobre a situação da política, mesmo no dia da eleição, ele só entregou na mão de Deus, como nós temos que fazer. Ele não falou nem para o lado A, nem lado B. Nem antes, nem depois da eleição. Isso é o que a gente tem que ser. O crente, ele não tem que ser politizado pelo pastor. O crente tem que saber do que está acontecendo na economia, no país e tomar suas decisões próprias. | **Homem, preto, leigo, Igreja Nova União (não denominacional), eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro**

Pode-se falar de política, mas não se pode transformar o púlpito em palanque. Ele pode muito bem abordar algum assunto, mas não virar motivo de uma pregação em cima de um político. | **Mulher, preta, leiga, Igreja Pentecostal Primitiva Atos dos Apóstolos (denominacional), eleitora de Lula, de Salvador**

Pastor tem que falar da Palavra de Deus, não de política. Porque ele vai dar a opinião dele. Gente, eu sou líder. O líder vai dizer, direcionar o que é certo. De acordo com a religião dele. Você me segue, né? Então, você vai fazer o que eu mandar. Eu sempre fui líder, eu dizia o que você tinha que fazer. | **Mulher, parda, leiga, Igreja Amor de Deus (não denominacional), eleitora de Lula, de Salvador**

O púlpito não é para isso [política] | **Homem, preto, leigo, Igreja Universal do Reino de Deus (denominacional), eleitor de Bolsonaro, de São Paulo**

Teve uma briga na igreja [por conta de política] e saiu muitas pessoas porque a igreja praticamente se aliou a um partido político. E um dos líderes lá não aceitou e levou o resto dos fiéis. A igreja ficou dividida. Metade saiu e metade continuou. E a igreja está sendo mantida por políticos. Isso não pode acontecer | **Mulher, parda, leiga, Igreja Presbiteriana (denominacional), eleitora de Lula, de São Paulo**

Pode até falar de política, agora trazer alguém para a igreja e influenciar, pedir voto, aí não. | **Homem, pardo, leigo, Igreja Batista (denominacional), eleitor de Bolsonaro, de Recife**

Apenas uma minoria de leigos, cerca de 15%, concorda que se deve falar de política nas igrejas. Destes, a maioria significativa é de Salvador, representando 83% dos leigos que apoiam a

presença de temas políticos nas pregações. Esse dado revela uma particularidade interessante, indicando que os leigos de Salvador são mais receptivos à discussão política no ambiente religioso em comparação com os das demais capitais pesquisadas.

Os leigos que defendem essa prática argumentam que abordar política nas igrejas é essencial para orientar os fiéis a escolher candidatos comprometidos com pautas que refletem os valores evangélicos. Para eles, a política influencia diretamente em questões morais e de costumes, aspectos fundamentais para a comunidade religiosa. Assim, acreditam que o posicionamento político é necessário para proteger e promover princípios que consideram fundamentais, como a preservação da família tradicional.

A gente tem que discutir política sim. É por não discutir política nas escolas, nas igrejas, em casa, que nosso país está desse jeito. Por desinformação. A gente não é ensinado sobre política. Aliás, quanto mais ignorante, melhor. | **Mulher, parda, leiga, Igreja Multidões para Cristo (não denominacional), eleitora de Ciro/Bolsonaro, de São Paulo**

Os pastores têm que falar sobre política no altar. Não induzir a votar em ninguém, mas deixar claro que devemos votar em quem defenda a pauta evangélica. | **Mulher, preta, leiga, Assembleia de Deus Ministério de Palavra (denominacional), eleitora de Bolsonaro, do Rio de Janeiro**

Nós somos seres políticos, não é? O pastor influenciar e trazer alguém para a igreja é outra história, mas ele falar de política, tem que falar sim. Tem muita gente sem educação que não sabe nem falar direito, nem escrever. Então, o pastor é o nosso líder. | **Homem, pardo, leigo, Igreja Batista (denominacional), eleitor de Bolsonaro, de Recife**

Acho que o pastor tem que orientar. | **Mulher, parda, leiga, Igreja Tessalonicenses (não denominacional), eleitora de Bolsonaro, de Salvador**

O pastor tem que orientar. Conversar com os fiéis. | **Mulher, preta, leiga, Igreja Rios de Água Viva (não denominacional), eleitora de Bolsonaro, de Salvador**

O pastor tem que falar, orientar, mas não influenciar. E se você tem sua opinião própria, ele pode falar mil coisas, mas vai depender de como você vai entender cada uma. | **Homem, preto, leigo, Igreja Universal do Reino de Deus (denominacional), eleitor de Tebet/Lula, de Salvador**

Eu concordo que o pastor pode abordar, até para questão de ensinamento religioso. O que eu não concordo é quando eles querem enfatizar que você tem que votar naquela pessoa. | **Mulher, preta, leiga, Ministério Geração do Espírito Santo (não denominacional), eleitora de Lula, de Salvador**

Eu acho que o pastor deve apresentar as ideias dos partidos. Porque o foco dessas eleições foi esse. Já chegamos a tratar dessas eleições como uma guerra mais espiritual do que uma guerra social. Bastante espiritual. Por quê? Um partido apresenta

algo que é contra a Palavra de Deus, eu não vou aconselhar ninguém a votar nesse partido. Essa questão da ideologia de gênero, a gente sabe que não existe isso. A criança não pode ser induzida a escolher o sexo que quer ter. A homossexualidade, dentro das igrejas, é o casamento homoafetivo. Então, se um partido apresentar isso daí, é preciso pregar contra. No altar, dentro de uma mensagem, trazer esse assunto. Aí o crente vai entender, a partir da Palavra, o que é certo e o que é errado.

| **Homem, pardo, leigo, Assembleia de Deus (denominacional), eleitor de Bolsonaro, de Salvador**

Embora uma minoria de leigos defende a importância de discutir política nas igrejas, foi apenas entre os entrevistados do Rio de Janeiro que surgiu comentários sobre a existência da Bancada Evangélica. Nesse grupo, mencionou-se que a bancada desempenha um papel fundamental na defesa dos interesses da comunidade evangélica, especialmente em pautas como valores familiares e liberdade religiosa.

Na minha igreja se fala sobre política, porque, na verdade, a bancada evangélica começou com eles. A bancada evangélica existe hoje por causa do apoio da igreja. É interessante observar como os políticos [em busca de votos] costumam se aproximar das comunidades locais — vão ao bairro, falam com lideranças da comunidade, visitam o campo de futebol, e também vão às igrejas. Mas, na Igreja Universal, por exemplo, a situação é diferente. Quando o político [externo] vai, ele fica horrorizado, porque a igreja já possui seus próprios candidatos. Tanto na Igreja Universal, como nas outras igrejas. Ainda assim, votar é uma escolha pessoal. Nenhum pastor pode obrigar alguém a votar em determinado candidato; o voto é individual, uma questão de consciência. Mesmo que o pastor sugira um nome, ele não está ali, do seu lado na urna, acompanhando seu voto. Mas tem que ter uma bancada [evangélica] para defender os evangélicos [no cenário político]. | **Homem, preto, leigo, Igreja Universal do Reino de Deus (denominacional), eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro**

Tem que ter uma bancada [evangélica]. Eu concordo, assim, ah, tem pastores que chegam no altar para falar só sobre política, tá? Não induzir a votar em ninguém, mas deixa claro que, se não tiver uma bancada evangélica lá [no Congresso Nacional], não vamos lutar pelos direitos dos evangélicos. Não torço contra não, tá, gente? Lutar pelos direitos. Exemplo, questões sobre criança, moral, costumes, aborto... Então, se não tiver ninguém lá para defender isso... Não sou preconceituosa, não, tá? Porque não tem ninguém lá pra defender, não tem ninguém pra poder lutar. Eu sei que a Universal tem uma bancada muito grande de evangélicos lá, tem que ter mesmo! Como também tem os umbandistas, né? Que também tem a bancada deles pra lutar pelos direitos deles. Eu sou a favor de ter. Eu sou a favor de ter quem lute, cada um ter sua bancada, entendeu? Então, tem que ter alguém para lutar pelo que acredita que está na Palavra. | **Mulher, preta, leiga, Assembleia de Deus Ministério de Palavra (denominacional), eleitora de Bolsonaro, do Rio de Janeiro**

Já entre os líderes, a maioria, 93%, acredita que devem sim falar sobre política na igreja. Argumentam que discutir política, no sentido de orientar e educar, é válido, desde que não envolva a promoção de candidatos específicos. Para estes, falar sobre política pode ser uma ferramenta educativa, necessária para conscientizar a congregação sobre suas escolhas e responsabilidades.

Falar de maneira consciente e não utilizando para falar de candidato. A política na igreja, bem aplicada, é uma educação, vai educar o povo. Tem um versículo bíblico que diz que quando o justo governa, o povo se alegra. Alguém justo pode governar? É difícil? É. Mas é por meio de você conscientizar o povo como detectar uma pessoa boa no meio de um grupo de pessoas que estão ali como candidato. É por meio de conscientização do líder da igreja que as pessoas vão ser bem orientadas. Até porque quando você consegue orientar isso para o povo, o povo vai ficar muito mais alerta com relação a quem eles votam. Isso não tem nada a ver com candidato, não tem nada a ver com religião, tem a ver com tudo que precisa ser beneficiado. Então, política sim, candidato não. | **Homem, pardo, liderança (pastor), Comunidade União e Graça (não denominacional), eleitor de Bolsonaro, de São Paulo**

Aquela frase de futebol e política não se discute, se discute sim. Porque é discutindo que se abre a mente, não é discussão de briga. Não é falar de partido A ou B, ou político A ou B, mas sim governo. | **Homem, pardo, liderança (pastor), Igreja Fogo Pentecostal (Não denominacional), eleitor de Bolsonaro, de São Paulo**

Política precisa ser discutida. Uma casa tem política, uma igreja tem política, uma empresa tem política, tudo precisa ter política. Então, se não houver uma política, uma ética dentro daquilo, não tem como aquilo fluir. Então, se nós, que estamos na igreja, nós não educarmos o povo com relação ao que votam para que eles entendam, não é votar para favorecer os evangélicos, votar para favorecer os do Candomblé ou qualquer outra religião, não. É para poder favorecer um povo que está desmerecido porque os impostos são recolhidos para atender esse povo, mas o povo não é cristão. O povo de maneira geral não tem sido atendido. Então, se nós conscientizarmos o povo de que eles podem mudar o quadro, aí eles vão melhorar. O problema está em quem eles vão votar. | **Homem, pardo, liderança (pastor), Comunidade União e Graça (Não denominacional), eleitor de Bolsonaro, de São Paulo**

Não na pregação, mas no estudo bíblico. Em um momento mais oportuno, a gente fala que o conjunto público é para todos os interesses. A gente fala sempre para procurar votar naquele candidato que tem boas intenções no sentido bíblico, do princípio bíblico, não pode violar. Por exemplo, aborto. Então, a gente não vota em nenhum candidato a favor do aborto. Temos nossos princípios e os fiéis precisam entender que isso não pode ser violado. Não pode ser mudado. Deus, ele determina pra nós alguns princípios. Então, eu jamais vou votar no candidato que vá contra isso. Vote, não importa se ele é crente, pode ser o que for, contanto que não seja contra os nossos princípios. | **Mulher, parda, liderança (pastora), Igreja Missionária Belém (não denominacional), eleitora de Bolsonaro, de Salvador**

Eu falo, mas eu mesmo incomodo, sabia? Tem pessoas que já estão meio enjoadas de política. Na minha igreja, eu falo de política porque nós como pastores somos uma autoridade, nós somos ali para ensinar. Mas, na minha igreja, o púlpito da igreja não vira palanque para político. Na igreja já foi deputado e deputada para poder cantar, já foi vereador, mas não pode falar de política. Só que eu acho que nós como pastores temos que orientar os nossos membros, porque existe uma política muito tipo assim, ‘crente vota em crente’... Ah, só porque o pastor é candidato, então eu sou obrigado a votar nele? Não! Na minha igreja eu oriento, você tem que ver se o candidato tem projeto. As pessoas não dão muita importância para isso, mas são os políticos que vão criar projetos de leis, que muitas vezes são leis que podem afetar o povo evangélico. Eu acredito que nós temos que falar sim de política, mas saber diferenciar. O púlpito da igreja é para ser pregado, não para ser palanque político. Nós temos que falar sim de política, mas não fazer politicagem. | **Homem, pardo, liderança (pastor), Igreja Marca da Promessa (denominacional), eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro**

Eu oriento sobre política, mas orientação de ver projetos, de analisar em quem você vai votar. Não indicar em quem votar. | **Homem, preto, liderança (pastor), Ministério Vida Plena (não denominacional), eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro**

Apenas uma minoria de líderes, cerca de 7%, se posiciona contra qualquer menção a temas políticos durante o culto. Esses líderes acreditam que o ambiente de adoração deve ser mantido exclusivamente para assuntos espirituais e religiosos, sem interferências de temas políticos. Para eles, a introdução de temas políticos no culto pode gerar conflitos e comprometer o propósito central da reunião religiosa.

Por conta do extremismo que nós tivemos nas últimas eleições, eu, particularmente, como pastor da igreja, eu aboli qualquer assunto de política na igreja e não sou a favor de nenhum tipo de campanha e nem pronunciamento de nenhum tipo de candidato. Nós temos um espaço onde nós podemos falar sobre critérios e avaliação que entra na questão de você precisar ter critérios. Agora, o candidato que você vai escolher é pessoal, você não precisa falar para ninguém e na igreja nós não abordamos. Então, essa foi a postura que eu adotei por conta das últimas eleições, dos extremos que nós estávamos tendo. Fazemos parte de uma comunidade, eu tenho pessoas que pensam de forma oposta e nós temos uma comunidade cristã e precisei adotar essa medida lá. | **Homem, preto, liderança (pastor), Igreja Batista (denominacional), eleitor de Bolsonaro, de São Paulo**

Lá na minha igreja não tenho um costume [de falar sobre política], nem de trazer e nem convidar candidatos. | **Homem, preto, liderança (diácono), Assembleia de Deus Ministério Casa do Milagre (denominacional), eleitor de Lula, do Rio de Janeiro**

O nosso culto não é para politicagem. | **Mulher, parda, liderança (pastora), Igreja Missionária Belém (não denominacional), eleitora de Bolsonaro, de Salvador**

Observou-se um controle político mais forte em igrejas de grandes denominações, nas quais a orientação política segue as diretrizes das lideranças superiores. Na Igreja Universal do Rei-

no de Deus, certos líderes são selecionados pela própria instituição para se candidatarem a cargos políticos, garantindo uma representação alinhada com os valores e interesses da denominação. Na Assembleia de Deus, as lideranças superiores emitiram instruções proibindo os membros de votarem em candidatos que não sejam evangélicos. Em ambas as situações, a estratégia reflete o interesse das agremiações de assegurar representação política que defenda sua visão de fé e seus princípios religiosos no âmbito político.

A Universal, ela planta aquela pessoa ali pra ser um deputado. Planta um outro pra ser um vereador. Então todos aqueles que estão ali estão influenciados pelo líder.
| **Homem, preto, liderança (obreiro), Igreja Batista do Povo denominacional), eleitor do Lula, de Salvador**

A Assembleia de Deus nos proibiu, na época da eleição, de votar em candidatos que não fossem crentes. Tinha que votar só na pessoa cristã. Mas cada um tomou o seu caminho, votava em quem quisesse. | **Homem, preto, liderança (bispo), Assembleia de Deus Palavra que Cura (denominacional), eleitor Ciro/Bolsonaro, de Salvador**

Idolatria a políticos

A pesquisa revelou preocupações entre os fiéis sobre a idolatria a políticos dentro das igrejas, um fenômeno visto por muitos como um desvio dos princípios cristãos. Diversos leigos entrevistados expressaram a visão de que o apoio político, embora aceitável até certo ponto, não deve se transformar em “adoração”. Para eles, a devocão a figuras políticas, como Bolsonaro e Lula, ameaça desviar o foco do que consideram central na igreja: Cristo e os valores espirituais. Há também um consenso de que, embora se possa discutir política na igreja, essa discussão deve se manter informativa. Os relatos a seguir expõem que o debate político nas igrejas tem sido exacerbado, e os fiéis eleitores de Lula se sentem mais incomodados com a questão.

Ele pode falar da política agora, levar o político, mas adorar aquele político para mim está tirando totalmente o Deus que a gente tá seguindo para adotar aquele político. | **Mulher, preta, leiga, Igreja Universal do Reino de Deus (denominacional), eleitora de Lula, de Recife**

É o mesmo erro que o povo de Israel cometeu lá atrás, enquanto a gente não parar de buscar um rei e começar a buscar mais de Deus, vai ficar nesse impasse. É Lula, é Bolsonaro... Isso é errado, quem é cristão ficar enaltecedo um ou outro... O cristão tem que buscar a Deus | **Homem, preto, leigo, Igreja Nova União (não denominacional), eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro**

Conheço muitos crentes que é meio que bitolado no Bolsonaro. Acham que ele é um santo. Que ele é homem de Deus, um exemplo. | **Mulher, parda, leiga, Igreja Presbiteriana (denominacional), eleitora de Lula, de São Paulo**

O pior de tudo é que o povo passa a idolatrar mais o político que o próprio Jesus, né? Tudo bem que o ser humano precisa de um símbolo, isso é característico de tribo, mas quando você já tem um símbolo e vem outro de pele e osso e você idolatra mais, você fica... Caramba... | **Homem, preto, leigo, Igreja Todos Iguaís (denominacional), eleitor de Tebet/Lula, de São Paulo**

Pode falar de política sim, porque na Igreja pode-se falar de qualquer assunto, mas não pode se sobressair ao que a Igreja representa, que é Cristo. Nada que sobressaia. Acho que uma fala breve, até uma questão de conhecimento para as pessoas, mas não como havia na época de Bolsonaro. Dentro das igrejas se fazia o símbolo da arma, as pessoas tinham aquela defesa e fizeram da bandeira do Brasil um símbolo pertencente a um candidato. Enfim, eu não concordo desse lado, mas trazer o conhecimento de alguma forma, esse candidato aqui fez um projeto para o Evangelho... Porque o povo crente, a ele falta muito conhecimento, é um povo que tem preguiça de ler. Então, de repente eu tenho um conhecimento, eu devo trazer, esse candidato aqui, ele trouxe um benefício para nós cristãos. O projeto que foi apresentado na Câmara partiu dele, então acredito que eu possa apresentar, mas não induzir as pessoas a votarem. | **Mulher, preta, leiga, Igreja Pentecostal Primitiva Atos dos Apóstolos (denominacional), eleitora de Lula, de Salvador**

É indicado voto em um candidato específico?

A presença e a promoção de candidatos dentro das igrejas foram temas críticos destacados por diversos participantes da pesquisa. Tanto líderes, quanto leigos relataram casos em que houve pedidos explícitos de voto ou a promoção aberta de determinados candidatos. Durante a pesquisa, os líderes foram questionados diretamente sobre se pedem votos aos fiéis em seus cultos, e 40% afirmaram que sim. Alguns externalizaram a posição:

Sobre a questão das igrejas, eu concordo eles quererem que os cristãos votem lá com os candidatos deles, estão certos, não estão errados. Agora, eu, na congregação, mando votar naquela pessoa que, por exemplo, ela verbalizou a questão de aborto, essas coisas. Claro, a gente tem o princípio, né, biblicamente, de família. Só isso. Tanto ele votar em pessoa crente ou não crente, o importante é que ele tenha um projeto bom para a sociedade e a família. | **Homem, preto, liderança (bispo), Assembleia de Deus Palavra que Cura (denominacional), eleitor Ciro/Bolsonaro, de Salvador**

Eu não só falo, como oriento a quem votar. E isso é bem aceito lá pelo pessoal. | **Homem, preto, liderança (Bispo), Assembleia de Deus Manancial (denominacional), eleitor do Lula, do Rio de Janeiro**

Na minha igreja não, mas nas outras, os pastores pedem voto sim. | **Mulher, preta, liderança (pastora), Igreja do Bom Samaritano (não denominacional), eleitora do Lula, de São Paulo**

A maioria dos líderes religiosos, aproximadamente 60%, afirmou ser contra a prática de pedir votos aos fiéis durante os cultos. Esses líderes argumentam que a igreja deve manter distanciamento e respeitar o direito dos membros de tomarem decisões políticas de forma independente.

O que é importante também é obedecer a lei dos homens. Então, na nossa lei é proibido a gente mandar uma pessoa votar em alguém. O voto é secreto, o voto é livre. Podemos até, como tem irmãos crentes que são candidatos, apresentar, tudo bem, mas não no momento de um culto, de trazer ele e apresentar. É errado a igreja que faz isso. Obrigar os obreiros e principalmente todos os irmãos a votar naquele candidato que é da igreja. Tá errado. Trazer candidato para igreja, isso pra mim também tá errado, não concordo. Porque tá contra a Palavra de Deus. O nosso culto não é para politicagem. Depois do culto, terminou, já deu a bênção: “Irmãos, vocês podem aguardar um pouco? Nós temos aqui o candidato, se vocês não tiverem... Nós, como igreja, estamos lhe sugerindo...” Sugerindo, porque existe a lei aí. Nunca diga que a gente obriga e manda porque a gente não manda nada. | **Mulher, parda, liderança (pastora), Igreja Missionária Belém (não denominacional), eleitora de Bolsonaro, de Salvador**

Acho que muito crítico pedir voto. Eles usam as mazelas das pessoas para ganhar. A gente vê cada coisa que enoja. | **Mulher, parda, liderança (missionária), Restauração da fé (não denominacional), eleitora de Ciro/Bolsonaro, de São Paulo**

Na minha própria igreja, eu tenho um pastor presidente que convidou um pastor que é candidato, eu não concordei, mas não é decisão minha. Eu não tenho total domínio sobre a igreja, então, fiquei muito chateada com ele. Ele falou sim, no final, ele falou que estaria ali, ele mencionou, ele deu um testemunho sobre algo que tinha acontecido no Planalto, onde foi assim... obrigado. Eu acredito que gerou um conflito entre os membros, porque não é legal, né? Falar de política é uma coisa, sobre candidato é outra coisa. Ele pregou e falou que era candidato. Ele foi para ganhar voto, é um homem de Deus, eu acredito, mas foi para fazer campanha ali, eu não gostei daquilo. | **Mulher, parda, liderança (missionária), Restauração da fé (não denominacional), eleitora de Ciro/Bolsonaro, de São Paulo**

Lá na minha igreja eu não tenho o costume de pedir, nem convidar, mas o pastor presidente tem. Tem até um presbítero que vai se eleger que é cria da comunidade, mas eu falei: “Na minha igreja para falar de política não vai, mas se quiser pregar, então solta o coronado. | **Homem, preto, liderança (diácono), Assembleia de Deus Ministério Casa do Milagre (denominacional), eleitor de Lula, do Rio de Janeiro**

Entre os fiéis entrevistados, no entanto, 100% relataram que seus líderes pediram ou, ao menos, induziram a escolha de um candidato específico. Essa discrepança revela um contraste significativo entre a posição das lideranças e a percepção dos fiéis. Enquanto 60% dos líderes afirmaram não fazer pedidos de voto, os relatos dos membros sugerem uma experiência diferente, indicando que há uma influência política percebida em todos os cultos.

Acho muito errado, o pastor pedindo voto para Bolsonaro. Além disso, ficava induzindo os fiéis a votar em certos candidatos. - “Oh, vocês votam em fulano porque ele está ajudando a igreja”. Mentira, ele não estava ajudando a igreja nada. Eu fui a primeira a falar que era contra. | **Mulher, parda, leiga, Igreja do Evangelho Quadrangular (denominacional), eleitora de Bolsonaro, de São Paulo**

O pastor pedia voto abertamente. Falava claramente que Bolsonaro é um servo de Deus, um homem de família. E a minha mãe ficava assim: “mas ele não já casou três vezes?”. Conheço muitos crentes que é meio que bitolado no Bolsonaro. Acham que ele é um santo. Que ele é homem de Deus! | **Mulher, parda, leiga, Igreja Presbiteriana (denominacional), eleitora de Lula, de São Paulo**

Ele pode até indicar pelo que conhece do candidato: “meu candidato é essa pessoa de caráter”.,, Se tiver algum projeto para a Igreja apresentar, mas não induzir as pessoas a votarem. Igreja pode falar de qualquer assunto, mas não pode se sobressair ao que a Igreja representa, que é Cristo. Eu acho que uma fala breve, até uma questão de conhecimento para as pessoas, mas não como havia na época de Bolsonaro. Dentro das igrejas se fazia o símbolo da arma, as pessoas tinham aquela defesa e fizeram da bandeira do Brasil um símbolo pertencente a um candidato. Enfim, eu não concordo com isso, mas trazer o conhecimento de alguma forma, esse candidato aqui fez um projeto para o Evangelho, trouxe um benefício para nós cristãos, porque o povo crente falta muito conhecimento, é um povo que tem preguiça de ler. Então acredito que eu possa apresentar, mas não induzir as pessoas a votarem. | **Mulher, preta, leiga, Igreja Pentecostal Primitiva Atos dos Apóstolos (denominacional), eleitora de Lula, de Salvador**

Foi o que aconteceu [falar de candidato na igreja], era todo mundo Bolsonaro. Teve um evento que todo mundo estava cantando a música dele. Para mim isso foi influenciado pelo pastor da igreja, eu acho isso totalmente errado. | **Mulher, preta, leiga, Igreja Universal do Reino de Deus (denominacional), eleitora de Lula, de Recife**

Esse ponto de vista divergente evidencia a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre até que ponto a igreja deve ou não se envolver nas decisões políticas dos seus membros.

Divergência na preferência do voto

A pesquisa encontrou divergência nas respostas das lideranças sobre o voto evangélico. Inicialmente, ao serem perguntadas se acreditavam que os evangélicos deveriam votar exclusivamente em candidatos evangélicos, a resposta predominante foi de que isso não era uma necessidade. No entanto, ao serem questionadas sobre se indicavam voto, ficou evidente uma preferência por candidatos que compartilham da mesma fé. Essa ambiguidade reflete uma postura complexa: embora afirmem que a escolha de candidatos não precisa estar condicio-

nada à religião, na prática, as lideranças tendem a favorecer candidatos evangélicos ou que compartilhem fortemente dos valores cristãos.

Eu acho que crente vota em crente. Não em qualquer um. | Homem, preto, liderança (pastor), Assembleia de Deus (denominacional), eleitor Bolsonaro, de Salvador

Eu vejo assim, a pessoa tem o livre arbítrio né. Precisa de ninguém fazer a cabeça para poder votar. Agora, claro, na questão do Evangelho, a gente tem que ver, o que o candidato vai colocar em pauta. Tem base bíblica? Tem relação com o quê? Família? É contra a Palavra? Áí sim, áí nós vamos partir pra lá, independente se seja cristão ou não cristão. Eu vejo por aí. | Homem, pardo, liderança (pastor), Igreja Peniel (não denominacional), eleitor de Bolsonaro, de Salvador

Eu acho que o candidato tem que ter valores parecidos com o meu, com o que eu prego, com o que eu levo pra minha família. Eu sou contra o aborto, tem muita coisa que eu tento respeitar a opinião do outro, mas pra mim não cabe. Então, eu tenho que ter um candidato que seja dentro dos meus princípios. | Mulher, parda, liderança (Obreira), Igreja Universal do Reino de Deus (denominacional), eleitora de Bolsonaro, de Salvador

Minha igreja não é palanque, mas temos que orientar os nossos membros. A eleição é muito importante e as pessoas não prestam muita atenção. São as pessoas [os políticos] que vão criar projetos de leis, que muitas vezes são leis que vão até para o povo evangélico. Então assim, eu acredito que nós temos que falar sim de política, mas saber diferenciar. | Homem, pardo, liderança (pastor), Igreja Marca da Promessa (denominacional), eleitor de Bolsonaro, do Rio de Janeiro

O chefe, o presidente também está ali porque é colocado por Deus. Então, assim, tudo é instituído por Deus. Então, tem que ser falado [de política] sim para as pessoas se conscientizarem [a votar]. | Mulher, parda, liderança (missionária), Igreja Restauração da fé (Não denominacional), eleitora de Ciro/Bolsonaro, de São Paulo

A análise revela um cenário complexo no qual política e religião se entrelaçam de maneira desafiadora. Enquanto parte dos líderes e fiéis defendem que a igreja tem um papel na orientação política e moral dos fiéis, muitos alertam para os perigos de uma politização excessiva, que poderia comprometer a unidade da comunidade e a neutralidade da fé. A questão da representatividade evangélica na política divide opiniões, com algumas lideranças promovendo um voto fundamentado em princípios bíblicos, e outras advogando pela liberdade individual de escolha.

Ao defenderem que é necessário falar de política na igreja, os líderes reconhecem que as decisões políticas afetam diretamente o cotidiano da comunidade religiosa e influenciam temas caros aos seus valores, como moralidade, costumes, educação e direitos humanos. Para eles, a discussão política é uma forma de educar e preparar os fiéis para tomar decisões que estejam alinhadas com os princípios cristãos, sem necessariamente vincular essas escolhas a um

candidato específico. Essa postura também reflete uma visão pragmática: os líderes sabem que políticas públicas impactam diretamente a vida dos fiéis e, portanto, acreditam que é seu dever oferecer orientação sobre como esses temas se relacionam com os valores cristãos. Os líderes veem, então, uma diferença entre representação religiosa (votar em um crente) e orientação de valores (votar em quem melhor atende aos princípios cristãos), entendendo que abordar a política na igreja pode ajudar a comunidade a navegar pelas escolhas eleitorais de forma consciente, sem que isso signifique necessariamente apoiar um candidato declaradamente evangélico.

A maioria dos fiéis repulsa discurso político na igreja, enquanto a maioria dos líderes endossam. Para os fiéis, a menção de certos candidatos pode ser entendida como uma orientação indireta, mesmo que o pedido de voto não seja explícito. Já os líderes acreditam que apenas estão fornecendo informações de interesse geral, sem influenciar diretamente as escolhas eleitorais. Essa disparidade de percepções reflete um potencial de conflito, pois, enquanto os líderes acreditam estar fortalecendo a capacidade crítica dos fiéis, a maioria dos leigos sente essa prática como uma interferência em suas escolhas. Esse ponto de vista destaca a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre até que ponto a igreja deve ou não se envolver nas decisões políticas dos seus membros.

Ao longo das análises das entrevistas realizadas em diferentes capitais brasileiras, notou-se uma variação significativa de abordagem. Em Salvador, as lideranças assumem um papel mais ativo em questões eleitorais; cerca 70% dos líderes pediram voto, ao mesmo tempo, seus fiéis concordam que política deve ser debatido na igreja, cerca de 60%. Em contraste, na cidade de São Paulo as lideranças mantêm uma posição declaradamente neutra, pois todos os pastores e pastoras declararam não terem feito pedidos de voto, embora relatem que, na maioria das outras igrejas, houve algum tipo de orientação eleitoral. Já no Rio de Janeiro, as opiniões se dividem igualmente, com 50% dos pastores afirmado ter solicitado votos e 50% negando qualquer influência direta no voto de seus fiéis. Em Recife, o tema sobre política não foi abordado entre as lideranças.

Considerações Finais

**Nilza Valeria Zacarias e
Josué Medeiros**



Encerramos o relatório da primeira parceria entre a Frente e o OPEL com a felicidade pelo sucesso do programa Papo de Crente e da pesquisa com grupos focais. Nestas considerações finais, expressamos novamente nossa alegria, agora principalmente pela dinâmica coletiva desta pesquisa, expressa em cada momento deste texto e do próprio processo de elaboração da investigação, nas reuniões preparatórias, no acompanhamento dos grupos focais e no tratamento dos dados. O envolvimento de um número maior de ativistas-pesquisadores nos dá certeza do caminho que estamos trilhando.

Ademais, vale mencionar, rapidamente, nossas impressões sobre o conteúdo de cada parte do relatório. A dimensão da vida e cotidiano nas igrejas confirma a experiência concreta da militância da Frente. Como brincamos em outros momentos, as e os crentes são “pessoas normais”. É um tanto quanto óbvio, mas importa bastante reafirmar que as evangélicas e evangélicos vivem os problemas da vida cotidiana como qualquer outro segmento populacional e que isso impacta nas suas práticas religiosas. Qualquer processo sincero de vivência e pesquisa com o povo evangélico só pode resultar na superação dos preconceitos sobre fundamentalismo e projetos teocráticos. E reforçamos que isso vale tanto para os leigos quanto para as lideranças.

Quanto ao racismo, durante e após os grupos estivemos refletindo sobre a força que as experiências das pessoas entrevistadas com racismo (a maioria relatou eventos em que sofreram e/ou testemunharam casos de racismo) e a dificuldade de elaborar uma reflexão sobre o fenômeno em si. Há uma distância entre a vivência prática e as concepções conceituais em cada pessoa, o que nos leva a projetar não apenas novas pesquisas, mas também processos formativos e educacionais. Isso não anula, contudo, que os valores democráticos de condenação do racismo prevalecem entre as pessoas evangélicas, lideranças e leigos.

A dimensão da intolerância religiosa foi sem dúvida nosso principal achado de pesquisa. Nossa hipótese já apostava na força das experiências de trânsito religioso, na base teológica do livre arbítrio e na pluralidade das pessoas evangélicas como dimensões que sustentariam uma

rejeição à violência contra outras crenças, incluindo as religiões de matriz africana. Porém, a valorização dos laços de amizade, família e vizinhança como base para uma elaboração positiva da tolerância e convivência com outras fés indica uma força dos valores de convivência democrática e solidariedade que podem e devem ser parte de um processo de fortalecimento da democracia brasileira.

Na dimensão política e eleitoral propriamente dita, a rejeição ao uso político da fé emergiu dos depoimentos da maioria dos participantes, confirmando o que já havíamos encontrado na pesquisa sobre o Papo de Crente, em 2023. Aqui, entretanto, percebemos nuances mais nitidamente expressas pelas pessoas participantes, especialmente pelas lideranças, ciosas de sua prerrogativa de condução e orientação do “rebanho”. Nestes casos, pastores e missionárias apresentaram um padrão de rechaçar uma relação direta com candidaturas e pedido de voto aberto, sem, contudo, renunciar ao direito – e até mesmo dever – de falar sobre política, incluindo orientação de voto em um sentido mais geral, a favor dos “valores” cristãos.

Novamente, é fundamental ressaltar que também neste caso, o comportamento político das pessoas evangélicas em nada difere de outros segmentos sociais. Em geral, todos os possíveis recortes de grupos são marcados por identidades próprias, por uma percepção de que seus interesses são particulares e precisam ser defendidos, o que, na democracia, é feito principalmente pelo engajamento eleitoral.

O desafio de um projeto democrático é justamente unificar esses interesses particulares em uma cultura política de solidariedade e valores compartilhados, na qual cada segmento coopera com os demais em prol da garantia e ampliação dos direitos da coletividade. E isso não pode ser alcançado com a anulação das identidades, interesses e direitos de nenhum segmento em particular. É com essa tarefa que, modestamente, a Frente e o OPEL pretendem contribuir não apenas com essas pesquisas, mas com uma parceria mais profunda e duradoura em prol da produção de conhecimento engajado e da constituição de um ativismo enraizado e preparado para os desafios do Brasil contemporâneo.

Ficha técnica

Josué Medeiros

Cientista político e professor da UFRJ. Coordenador do Observatório Político e Eleitoral (OPEL) e do Núcleo de Estudos sobre a Democracia Brasileira (NUDEB). Pesquisador do Perifalab. Pesquisa a política brasileira contemporânea desde 2011, com foco em partidos, eleições e na relação entre as instituições e sociedade civil organizada.

Fernanda Pinheiro da Fonseca

Mestranda em Ciências Sociais pela UFRRJ, jornalista e roteirista do Programa Papo de Crente. Coordenadora da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, especialista em Planejamento de Mídias Sociais.

Nilza Valeria Zacarias

Coordenadora da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, produtora executiva do Programa Papo de Crente, jornalista especializada em comunicação para o desenvolvimento comunitário e direitos (Agência Andi/USP). Desde 2003 trabalha com evangélicos e garantia de direitos.

Danilo Ferreira Gomes

Bacharel em Teologia, licenciado em Letras Vernáculas, mestre em Literatura e Cultura, doutorando em Literatura e Cultura pela UFBA.

Vitor Medeiros

Vitor Queiroz de Medeiros, doutorando em sociologia (USP). Integra o Projeto Temático Pluralismo Religioso e Diversidades no Brasil Contemporâneo (CEBRAP/FAPESP).

Caroline Otavio

Formanda em Ciências Sociais pela UFRRJ, técnica agrícola.

Rennan Medeiros Pimentel

Rennan Pimentel, doutorando em Ciência Política no IESP-UERJ e coordenador executivo do OPEL.

Anexo: metodologia e perfil da amostra

Este relatório é baseado em pesquisa qualitativa de grupos focais, que expôs os participantes – pessoas evangélicas, leigas e lideranças (pastores, apóstolos, bispos e missionários) de quatro capitais, a saber, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Recife – a um roteiro de perguntas previamente definido, a partir de debate realizado entre a coordenação da Frente de Evangélicos pelo Estado Democrático de Direito e a equipe do Observatório Político e Eleitoral (OPEL), com o objetivo de entender melhor as percepções, preferências, valores e comportamentos políticos das e dos crentes em nosso país sobre os temas do racismo e da intolerância religiosa.

O desenho do projeto se baseou na experiência de pesquisa qualitativa com grupos focais realizada em 2023, numa parceria entre Frente de Evangélicos pelo Estado Democrático de Direito e o OPEL sobre o programa de rádio Papo de Crente, produzido pela Frente. Além disso, levamos em consideração tanto a experiência da Frente de Evangélicos pelo Estado Democrático de Direito em seu trabalho territorial e de formação, quanto os dados de pesquisas anteriores realizadas pelo OPEL, especialmente o Monitoramento Eleitoral de 2020, 2022 e 2024 que acompanhamos desde a pré-campanha até os resultados das últimas eleições nacionais e municipais. Também foram levados em conta microdados da PNAD Contínua, considerando o peso de cada um dos setores no mercado de trabalho.

Ainda que a pesquisa seja baseada em metodologia qualitativa, que não busca uma amostra representativa em termos estatísticos, o desenho dos grupos focais levou em conta a proporcionalidade do universo estudado em termos de gênero, raça, religião e distribuição geográfica.

Integraram os grupos focais mulheres e homens moradores das cidades citadas, todas e todos pessoas negras, todas e todos votantes, reproduzindo a proporcionalidade eleitoral de votos em Lula e Bolsonaro verificada em 2022 no segmento evangélico. Além disso, o recrutamento foi feito entre pessoas com renda familiar de três a dez salários-mínimos.

Antes da ida a campo, os moderadores, com formação acadêmica e experiência de pesquisa prévia em eleições e questões raciais, se familiarizaram com objetivos gerais da pesquisa, bem como com seu embasamento teórico-metodológico. Durante a realização dos grupos focais, os moderadores, quando julgavam necessário, reformularam as questões com base nas respostas e reações dos participantes da pesquisa.

O roteiro de pesquisa que guiou os grupos focais incluiu os seguintes tópicos:

COTIDIANO DAS PESSOAS NAS IGREJAS

VISÕES SOBRE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

PERCEPÇÕES SOBRE O RACISMO

RELAÇÃO COM A POLÍTICA E A ECONOMIA

Com o consentimento dos participantes, as imagens e áudios dos grupos focais foram captadas e devidamente arquivadas para análise posterior. O Observatório Político e Eleitoral (OPEL) se comprometeu a garantir o anonimato dos participantes, sendo permitida apenas a divulgação das características que fazem o perfil de cada pessoa (gênero, idade, cidade, qual igreja, raça, profissão e voto na última eleição).

MÉTODO: Qualitativo via Grupos Focais (GF)

PERFIL DA AMOSTRA

- Mulheres e homens
- Lideranças e leigos
- Faixa etária de 18 a 60 anos
- Pretos e pardos
- De 3 a 10 salários mínimos de renda familiar
- População votante dos municípios Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Recife
- Mix de posicionamentos políticos.

Período de realização dos grupos focais: entre 01 junho e 15 de julho de 2024



Realização



frente de
evangélicos
pelo estado
de direito



Observatório
Político e Eleitoral

ISBN: 978-65-983115-1-3

9 786598 311513